



**Campus Universitário de Almada
Escola Superior de Educação de Jean Piaget/Instituto de Estudos Interculturais e
Transdisciplinares de Almada**

Relatório Final de Prática de Ensino Supervisionada

Relatório final de prática de ensino supervisionada apresentado com vista à obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico (2º ciclo de estudos), ao abrigo do Despacho nº1105/2010 (Diário da República, 2ª série – nº10 – 15 de janeiro de 2010).

Mestrado em Educação Pré-escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico

Orientador: Professora Doutora Amália Rebolo

Almada, 2016

“Entre as graças que devemos à bondade de Deus, uma das maiores é a música. A música é tal e qual como a recebemos: numa alma pura, qualquer música suscita sentimentos de pureza.”

Unamuno, Miguel (s/d)

Declaração de autenticidade

O presente relatório final foi realizado por Lúcia Branco do ciclo de estudos de Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo, para a unidade curricular de Relatório Final de Prática de Ensino Supervisionada no ano letivo 2015/2016.

O seu autor declara que:

- (i) Todo o conteúdo das páginas que se seguem é de autoria própria, decorrendo do estudo, investigação e trabalho dos seus autores.
- (ii) Quaisquer materiais utilizados para produção deste trabalho não colocam em causa direitos de propriedade intelectual de terceiras entidades ou sujeitos.
- (iii) Este trabalho, as partes dele, não foi previamente submetido como elemento de avaliação nesta ou em outra instituição de ensino/formação.
- (iv) Foi tomado conhecimento das definições relativas ao regime de avaliação sob o qual este trabalho será avaliado, pelo que se atesta que o mesmo cumpre as orientações que lhe foram impostas.
- (v) Foi tomado conhecimento de que este trabalho deve ser submetido em versão digital e que essa versão poderá ser utilizada em atividades de deteção eletrónica de plágio, por processos de análise comparativa com outros trabalhos no presente ou no futuro.

10 de outubro de 2016

Assinatura:

Agradecimentos

A muitas pessoas devo um grande OBRIGADA pelo apoio, amizade e força. Contributos que foram necessários e imprescindíveis para o meu percurso e sucesso académico, nomeadamente nesta fase final. Estas pessoas cativaram-me pela sua sabedoria, sensibilidade, empenho e amizade que não poderei deixar de nomear.

Obrigada à minha família e a todos os que me ajudaram e contribuíram para o meu desenvolvimento como ser humano, transmitindo-me valores e educação. Principalmente aos que nunca duvidaram de mim, até mesmo quando eu própria duvidei. Obrigada a todos pelo carinho e amor, em especial ao meu namorado, amigo e companheiro Ricardo P.

Obrigada a todos os professores, comunidade educativa e colegas da Escola Superior de Educação de Santarém e da Escola Superior de Educação de Jean Piaget de Almada que, ao longo da minha vida académica, contribuíram para a minha formação tornando-me na pessoa que sou hoje.

Obrigada a todas as instituições que me receberam como estagiária ao longo deste percurso, principalmente, à comunidade educativa do Centro Escolar Os Charcos de Almeirim. Um especial e carinhoso agradecimento à educadora Maria José Rosário e à professora Vera Freilão por todo carinho, apoio e aconselhamento, sem esquecer os alunos destas profissionais, que me transmitiram tantos ou mais conhecimentos.

Obrigada à professora Maria de Jesus Oliveira e à professora Isabel Correia por todos os conselhos e apoios ao longo dos estágios realizados no decorrer do mestrado.

Obrigada à professora Helena Castro por todo apoio, conselhos, disponibilidade e carinho demonstrado, principalmente na construção deste relatório.

Obrigada à professora Amália Rebolo que me orientou e aconselhou na construção deste relatório.

Obrigada a todos os meus amigos que, de forma direta ou indireta me ajudaram e apoiaram ao longo desta caminhada.

Por fim, mas não menos importante, obrigada a todos os que responderam ao meu questionário e o partilharam.

Mais uma vez, a todos OBRIGADA!

Resumo

O presente relatório enquadra-se no âmbito do Mestrado em Educação Pré-escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico, nomeadamente nas unidades curriculares de Práticas Supervisionadas em contexto de Educação Pré-escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico.

A principal escolha desta temática provém de uma determinação e curiosidade pessoal, em que pretendo entender o porquê da área da música não ser tão desenvolvida no pré-escolar, e principalmente no 1º Ciclo do Ensino Básico, como as áreas do português, da matemática e do estudo do meio.

O relatório visa fortalecer a abordagem da Expressão Musical em contextos interdisciplinares e na sua articulação em conteúdos/domínios. Garantindo os principais contributos da Expressão Musical, tais como, ritmo e movimento para o desenvolvimento global da criança em idades pré-escolar e escolar. Neste sentido, pretende-se analisar e descrever criticamente as ações em contexto de sala de aula.

Para o desenvolvimento deste relatório recorreu-se à investigação qualitativa como metodologia de investigação-ação. Desenvolveu-se, assim, uma atitude de pesquisa, experimentação, análise e reflexão, ações que são fundamentais para melhorar a prática educativa e facultar às crianças uma educação de qualidade.

Palavras-chave: Expressão Musical, Educação Pré-escolar, 1º Ciclo do Ensino Básico, articulação.

Abstract

This report falls under the Master in Preschool Education and Teaching of the 1st Cycle of Basic Education, particularly in courses of Supervised Practice in Pre-school Education and Primary School.

The main choice of this theme comes from determination and personal curiosity, where there is the intent to understand why the Music area is not developed in preschool, especially in primary school, as the areas of Portuguese, Mathematics and the Study of the environment.

The report aims to strengthen the approach of Musical Expression in interdisciplinary contexts and their articulation regarding content/domains. Guaranteeing the main contributions of Musical Expression, such as rhythm and movement to the overall development of children in pre-school and primary school. In this sense, we intend to analyze and critically describe the actions in classroom context.

To develop this report there was done a qualitative research and research-action methodology. It developed thus a research attitude, experimentation, analysis and reflection, actions that are critical to improving educational practice and provide children with a quality education.

Keywords: Musical Expression, Preschool Education, Primary School, Articulation.

Índice Tabelas

Tabela 1– Tipos de Mediadores e Atividades Expressivas [Ferraz e Dalmann (2011, citado por Quadrado, 2012, p. 19)].....	32
---	----

Índice Siglas

AEC -Atividades de Enriquecimento Curricular
ATL - Atividades de Tempos Livres
CAF - Componente de Apoio à Família
CE – Comunidade Europeia
DQP – Desenvolvendo a Qualidade em Parcerias
G. N. R. – Guarda Nacional Republicana
INE – Instituto Nacional de Estatística
MEM - Movimento da Escola Moderna
NEE – Necessidades Educativas Especiais
OCEPE - Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar
PEI - Plano Educativo Individual

Índice de Figuras

Figura 1 - Exemplo da letra "i".....	43
--------------------------------------	----

Índice de Gráficos

Gráfico 1 - Idade dos inquiridos.....	50
Gráfico 2 - Habilitações literárias dos inquiridos.....	51
Gráfico 3 - Nº de inquiridos que tiveram expressão musical na sua formação inicial	51
Gráfico 4 - Inquiridos que têm formações complementares.....	51
Gráfico 5 - A importância de fomentar a de expressão musical no Pré-escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico.....	51
Gráfico 6 - Inquiridos que desenvolvem atividades de expressão musical	52

A música como estratégia de motivação para trabalhar as diferentes áreas curriculares

Gráfico 7 - Inquiridos que proporcionam ao grupo diferentes estilos musicais	52
Gráfico 8 - Tipo de atividades desenvolvidas, ligadas à expressão musical	52
Gráfico 9 - O modo como a expressão musical é desenvolvida pelos inquiridos	52
Gráfico 10 - Tipo de atividades com que as crianças são confrontadas	53
Gráfico 11 - A relevância das aulas práticas para os inquiridos.....	54
Gráfico 12 - A importância da utilização de materiais diversificados em sala de aula	54
Gráfico 13 - Opinião quanto ao aproveitamento dos alunos se as aulas fossem dinamizadas através das expressões.....	54

Índice Geral

Introdução.....	1
Parte I – Prática Profissional em contexto Pré-escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico.....	4
1.1. Contextualização da prática profissional em contexto Pré-escolar	4
1.2. Contextualização da prática profissional em contexto de 1º Ciclo do Ensino Básico: ...	8
1.3. Caracterização da entidade cooperante.....	11
1.3.1. Sala Pré-escolar:.....	14
1.3.2. Sala 1º Ciclo do Ensino Básico:.....	17
1.4. Desenvolvimento da prática profissional e problematização da questão de partida/do tema a partir da prática	19
1.4.1. Contexto Pré-escolar:	19
1.4.2. Contexto 1º Ciclo do Ensino Básico:	25
Parte II – Estudo Empírico ou projeto de intervenção	29
2.1. Enquadramento teórico/definição de conceitos	29
2.1.2. Metodologias Expressivas e Aprendizagens Escolares	29
2.1.3. A criatividade e a escola	34
2.2. Objeto de estudo	36

A música como estratégia de motivação para trabalhar as diferentes áreas curriculares	
2.2.1. A importância da música para o desenvolvimento da criança.....	36
2.2.2. A Importância do uso da Expressão para a Promoção da Aprendizagem.....	38
2.2.3. Musicoterapia.....	40
2.2.4. Método de leitura – Método Fonomímico de Jean Qui Rit.....	41
2.3. Métodos e procedimentos.....	45
2.4. Apresentação, análise e discussão de resultado/avaliação do projeto.....	48
2.4.1. Atividades realizadas durante o estágio.....	48
2.4.2. Inquérito por questionário.....	50
Considerações finais.....	56
Referências Bibliográficas.....	59
Legislação.....	65
Webgrafia.....	65
Apêndice A – Planificações e atividades desenvolvidas em contexto pré-escolar relacionadas com o Domínio da Expressão Musical.....	67
Apêndice B – Planificações e atividades desenvolvidas em contexto 1º Ciclo do EB relacionadas com a Expressão Musical.....	68
Apêndice C – Questionário colocado on-line “Expressão musical no Pré-escolar e no 1º Ciclo do Ensino Básico”.....	69
Anexo A – Gráficos de resultado ao questionário on-line “Expressão musical no Pré-escolar e no 1º Ciclo do Ensino Básico”.....	70

Introdução

A escolha do tema “A música como estratégia de motivação para trabalhar as diferentes áreas curriculares” partiu, essencialmente, do facto de termos conhecimentos e experiências na área da música. As aulas expositivas estão cada vez mais presentes nas escolas portuguesas, o que leva os alunos a não prestarem atenção, a desmotivarem-se, tal como acontecia connosco. Assim sendo, pretendemos investigar a viabilidade de trabalhar as restantes áreas do currículo através da música.

Educar é um processo global, gradual e constante que deve usufruir de diferentes abordagens e metodologias que promovam o seu enriquecimento, tal como a música. Desta forma a música constitui uma atividade agradável e estimulante para as crianças, independentemente do desenvolvimento cognitivo das mesmas, servindo, inclusivamente, como terapia para crianças com distúrbios.

De acordo com Ferreira (2012), o sentido musical surge com a capacidade de escutar e de expressar a partir dos sons, logo, o ouvido, a voz e o corpo são os elementos que intervêm com a fonte sonora.

A música é mais do que um conjunto de sons isolados e para que se sinta a sua verdadeira expressão, é fundamental que estes se encontrem organizados e que se associem, entre outros, o ritmo e a melodia.

Tendo em conta a importância da música no desenvolvimento infantil, a sua relevância na capacidade de perceber de forma organizada, de escutar e de se expressar livremente. Na generalidade, todas as crianças sentem prazer ao ouvir sons organizados, como canções de embalar, rimas, lengalengas e histórias em que têm oportunidade de ouvir palavras de forma ritmada, repetida e entoada, despertando-lhes um maior interesse e verificando-se, assim, a potencialidade que a música tem em tocar o interior do ser humano.

A repetição de determinados sons dá oportunidade, às crianças, de brincar com os mesmos. Porém, enquanto a criança ouve música, canta, dança e brinça com objetos que produzem som, exterioriza as suas emoções e ao mesmo tempo exercita tudo o que aprendeu até esse momento.

A música como estratégia de motivação para trabalhar as diferentes áreas curriculares

Para além das potencialidades mencionadas, a música é, ainda, um meio de socialização, uma vez que esta é, muitas vezes, praticada em conjunto, o que privilegia a relação com o outro.

Tal como refere Bahia (2008, citado por Nunes, 2011, p.35),

um dos principais constrangimentos à espontaneidade infantil são as práticas educativas que rotulam todos aqueles que não são capazes de produzir uma cópia perfeita do real no domínio artístico, excluindo as possibilidades de expressão, assim como o seu consequente desenvolvimento, nomeadamente o cognitivo, o criativo, o emocional e o social.

É com o objetivo de contrariar esta tendência, que estamos empenhadas na nossa formação e que tentamos interiorizar as aprendizagens realizadas e mantendo sempre presente a música. A música, tal como outras metodologias expressivas, quando é bem trabalhada permite desenvolver o raciocínio, a imaginação e a criatividade, ao mesmo tempo que permite às crianças e até aos adultos libertarem-se de determinados preconceitos e elevarem os seus níveis de autoestima e de autoconfiança.

De acordo com o Programa de Expressão e Educação Musical, os domínios da voz e do corpo e os instrumentos funcionam como um todo, uma vez que a criança deve utilizá-los de modo integrado e harmonioso.

Como futuras profissionais na via do ensino/educação consideramos a educação artística, principalmente a educação musical como algo indispensável nas orientações curriculares para o ensino pré-escolar e 1º ciclo do ensino básico, tendo em conta que a partir desta unidade curricular os alunos poderão desenvolver várias capacidades e aptidões, auxiliando no melhoramento de certas capacidades motoras e cognitivas.

Em suma, a educação musical é algo que deve constar no currículo de todos os cidadãos pois, é um auxílio importantíssimo para o desenvolvimento da cognição e motricidade de qualquer indivíduo.

A construção do presente relatório foi complementada com outros trabalhos e pesquisas efetuadas ao longo de todo o processo académico. O mesmo se encontra dividido em duas partes. A primeira parte refere-se à Prática Profissional em contexto Pré-escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico, onde caracterizamos em ambos os contextos, a prática profissional; a entidade cooperante; e o desenvolvimento da prática e problematização do tema. A segunda parte é

A música como estratégia de motivação para trabalhar as diferentes áreas curriculares

relativamente ao Estudo Empírico onde efetuamos o enquadramento teórico; analisamos o objeto em estudo; anunciamos os métodos e procedimentos utilizados; e apresentamos os resultados.

Parte I – Prática Profissional em contexto Pré-escolar e 1º Ciclo do Ensino

Básico

1.1. Contextualização da prática profissional em contexto Pré-escolar

Durante o nosso percurso académico percebemos que, grande parte da nossa sociedade não tem noção da importância da educação pré-escolar no percurso escolar e na vida de uma criança. É a base da educação de um ser, é o começo de uma etapa na vida da criança e também da família. Um dos princípios estabelecidos pela Lei-Quadro da Educação Pré-escolar (Lei nº5/77 de 10 de fevereiro) refere que “a educação pré-escolar é a primeira etapa da educação básica no processo de educação ao longo da vida, sendo complementar da ação educativa da família, com qual deve estabelecer estreita relação, favorecendo a formação e o desenvolvimento da criança, tendo em vista a sua plena inserção na sociedade como ser autónomo, livre e solidário”.

Portugal, de alguma forma, segundo Oliveira-Formosinho (2007) tem vindo a consciencializar-se com “a importância da educação pré-escolar para o sucesso escolar e pessoal das crianças e para a própria melhoria do sistema educativo.” (p.9)

Os educadores de infância têm a responsabilidade e a autonomia de definir e optar pela metodologia da sua prática pedagógica, uma vez que não existe um programa obrigatório. As Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar (OCEPE) são um documento, editado pelo Ministério da Educação, importante para ajudar os educadores a planear as suas atividades e rotinas. As OCEPE são definidas como “um conjunto de princípios gerais de apoio ao educador na tomada de decisões sobre a sua prática, isto é, na condução do processo educativo a desenvolver com as crianças.” (Circular nº. 17/2007 DSDC/DEPEB)

As intervenções realizadas durante o estágio curricular na educação pré-escolar abordaram um modelo específico para o nível de educação em questão, a metodologia de trabalho projeto. Esta metodologia caracteriza-se como “uma metodologia assumida em grupo que pressupõe uma grande implicação de todos os participantes. Envolve trabalho de pesquisa no terreno, tempos de planificação e intervenção com a finalidade de responder a problemas encontrados, problemas considerados de interesse pelo grupo e com enfoque social.” (Leite; Malpique e Santos, 1989, *cit. in* Ministério da Educação, 1998, p.131)

A música como estratégia de motivação para trabalhar as diferentes áreas curriculares

Neste método de trabalho de projeto, de acordo com Vasconcelos (1997), o educador está envolvido em todo o processo, sendo que apresenta também as suas dificuldades, dúvidas e necessidade de novos saberes. Contudo tem uma função de orientador dos alunos nas suas pesquisas, está atento à dinâmica relacional entre as crianças, sendo indispensável para ajudá-las a ultrapassar as suas dificuldades. “Crianças e educadores são construtores de saberes e novos saberes. Assim, os adultos valorizam o erro, a incerteza, a dúvida criadora” (p. 145).

A pedagogia de projeto permite às crianças terem um papel ativo na sua própria formação, pois são desafiados a recolher e selecionar a sua própria informação, mas com a mediação e apoio do educador, que mais experiente os conduz no caminho mais correto, construindo em conjunto com estas novas aprendizagens. O tema do projeto pode partir dos interesses e vontades do grupo ou a partir da sugestão do próprio docente, contudo deve ter algum fio condutor e não apenas porque é da vontade das crianças.

Segundo Kilpatrick (s/d.) *cit. in* Vasconcelos, 1997) os projetos podem favorecer a resolução de problemas, o prazer da estética ou a aquisição de competências. Podem ter uma duração muito variável desde dias até semanas. Mas todos os projetos assumem 4 fases essenciais, a definição do problema, planificação, execução e avaliação.

O desenvolvimento de um projeto é flexível e pode conduzir a alterações e reformulações, ou seja, durante a execução podem surgir novos problemas que se revelem importantes e que conduzam a alteração da planificação. Resultando, assim, a exigência dedicação e disponibilidade do profissional de educação que em conjunto com as crianças pode ter de alterar todo o projeto para que o processo de aprendizagem corresponda às necessidades e interesses do grupo.

Na nossa opinião, a pedagogia de projeto é um método de trabalho dos profissionais de educação que lhes permite irem ao encontro das necessidades e interesses das crianças, desde que sejam temas pertinentes e adequados à faixa etária e nível de escolaridade, permitindo ao educador tomar um lugar de mediador e orientador e não apenas de mero transmissor de saberes.

As crianças, nesta pedagogia possuem um papel ativo no seu percurso de aprendizagem. Atualmente, não se podendo prever o futuro, as crianças devem ser ensinados a pesquisar, selecionar e interpretar a informação que recebem, para que na vida adulta saibam aprender sozinhos, aquilo que a escola de hoje não lhes proporcionou.

A música como estratégia de motivação para trabalhar as diferentes áreas curriculares

É importante que os docentes se adaptem a esta pedagogia pois a relação ensino/aprendizagem sofre alterações, colocando o educador como aprendiz, mas também como orientador do trabalho das crianças, encaminhando-as no seu percurso de aprendizagem. O educador deve estar atento às dificuldades das crianças e à própria dinâmica dos grupos de trabalho da turma para que não existam crianças que não estejam a desenvolver o projeto.

A sala A do Jardim-de – Infância dos Charcos não tem projeto de sala, uma vez que os projetos realizados partem das sugestões das crianças. Surgiu como tema de projeto “Do que precisam as plantas para viver?”. Este tema surgiu através de outro projeto desenvolvido em sala sobre as plantas e as flores. As crianças tinham opiniões diferentes sobre o que era necessário para as plantas sobreviverem.

O tema do projeto respeita o projeto do Agrupamento de Escolas de Almeirim da Marquesa de Alorna “Preparar para o Futuro”, abordando assuntos relacionados com a Natureza, o meio ambiente e como devemos preservá-lo.

Atualmente os jardins-de-infância, as escolas, as instituições públicas e privadas, o próprio mercado de trabalho, bem como, os pais ou encarregados de educação esperam muito de um educador e/ou professor. Estes são detentores de diplomas que certificam a sua formação profissional específica e para a qual se encontram habilitados, sendo responsáveis pela organização de atividades educativas com o objetivo de promover, incentivar e estimular o desenvolvimento físico, psíquico, emocional e social das crianças/alunos. No entanto, é-lhes exigido para além das suas competências técnicas, comportamentais e pedagógicas, que seja um “ser” inspirador, motivador e mobilizador, capaz de romper com alguns padrões ou protótipos tradicionais.

Desta forma, o educador/professor dever ser pró-ativo, empreendedor, comunicativo, orientador, criativo, dinâmico, assertivo, espontâneo (no sentido de ter a capacidade de improvisar), imparcial, conhecedor da realidade atual.

De acordo com o disposto nas alíneas a) a g), do n.º 2, do ponto II do anexo II, do Decreto-Lei n.º 240/2001, de 30 de Agosto, o professor é um profissional de educação, com a função específica de ensinar; que exerce a sua atividade profissional numa instituição educativa; que estimula o desenvolvimento da autonomia dos alunos e a sua integração na sociedade; que promove a qualidade dos contextos de inserção do processo educativo, garantindo o bem-estar

A música como estratégia de motivação para trabalhar as diferentes áreas curriculares

dos discentes; que identifica e respeita as diferenças culturais e pessoais dos alunos, de forma a valorizar os vários saberes e culturas e combater a discriminação; que manifesta capacidade relacional, de comunicação e de equilíbrio emocional; que assume uma dimensão cívica e formativa.

Segundo o disposto nos n.ºs 1 e 2, do ponto I, do anexo n.º 1, do Decreto-Lei n.º 241/2001, de 30 de Agosto, o perfil específico de desempenho profissional do educador de infância, e do n.º 1, ponto III do referido Decreto-Lei, integração no currículo:

Perfil do Educador de Infância

1. *“Na educação pré-escolar, o perfil do educador de infância é o perfil geral do educador de infância e dos professores do ensino básico e secundário, aprovado em diploma próprio, com as especificações constantes do presente diploma, as quais têm por base a dimensão de desenvolvimento do ensino e da aprendizagem daquele perfil.”*
2. *“A formação do educador de infância pode, igualmente, capacitar para o desenvolvimento de outras funções educativas, nomeadamente no quadro das crianças com idade inferior a 3 anos.”*

Integração do Currículo

1. *“Na educação pré-escolar, o educador de infância mobiliza o conhecimento e as competências necessárias ao desenvolvimento de um currículo integrado, no âmbito da expressão e da comunicação e do conhecimento do mundo.”*

De todos os modelos pedagógicos que conhecemos, identificamo-nos com o Movimento da Escola Moderna (MEM) devido à organização dos espaços por áreas na sala de aula, de modo a permitir às crianças a realização e execução de tarefas, em individual ou em pequeno grupo, que por elas foram escolhidas e organizadas. Os materiais são colocados à disposição das crianças em cada um dos espaços educativos, permitindo à criança utilizá-los autónoma e livremente. O espaço é enriquecido com as produções das crianças que retratam e dão sentido às aprendizagens do grupo.

As tarefas são propostas e discutidas em grande grupo, partindo sempre do interesse e conhecimento das crianças. São elas que planeiam a rotina e tomam a iniciativa dos passos a serem tomados, por exemplo, num tema de trabalho projeto. Ou seja, após o tema escolhido em

A música como estratégia de motivação para trabalhar as diferentes áreas curriculares

grande grupo, é o grupo que elabora as questões às quais terão de pesquisar e analisar os dados recolhidos para dar respostas às perguntas iniciais.

Os modelos pedagógicos são fundamentais na educação de infância, é a partir deles que se fundamentam bases para o futuro educativo das crianças. Existem muitos modelos e cada um tem as suas particularidades.

1.2. Contextualização da prática profissional em contexto de 1º Ciclo do Ensino

Básico:

A profissionalidade docente distingue-se das outras profissões por ser uma profissão social autónoma e reconhecida. Os docentes são detentores de um saber singular para o desempenho da docência. Desenvolvem a competência da autocritica, a auto-análise, a capacidade reflexiva e a autoavaliação da sua própria atividade. A mutualidade e trocas entre os docentes fazem com que tenham a noção realista de que pertencem a uma comunidade profissional com identidade e cultura próprias.

Atualmente os jardins-de-infância, as escolas, as instituições públicas e privadas, o próprio mercado de trabalho, bem como, os pais ou encarregados de educação, têm expectativas elevadas relativamente a um educador e/ou professor. Estes são detentores de diplomas que certificam a sua formação profissional específica e para a qual se encontram habilitados, sendo responsáveis pela organização de atividades educativas com o objetivo de promover, incentivar e estimular o desenvolvimento físico, psíquico, emocional e social das crianças/alunos. No entanto, para além das suas competências técnicas, comportamentais e pedagógicas, é necessário que seja um “ser” inspirador, motivador e mobilizador, capaz de romper com alguns padrões ou protótipos tradicionais.

Desta forma, o professor deve ser pró-ativo, empreendedor, comunicativo, orientador, criativo, dinâmico, assertivo, espontâneo (no sentido de ter a capacidade de improvisar), imparcial, conhecedor da realidade atual.

Segundo Alarcão e Perrenoud (*cit in* Roldão, 2000) os docentes terão de desempenhar a sua atividade em escola integradas em centros educativos, com a capacidade de decisão, afastando estes profissionais do estatuto de funcionário. Arroga-se, assim, a importância de um

A música como estratégia de motivação para trabalhar as diferentes áreas curriculares

reforço da profissionalidade dos docentes. Como é referido por Roldão (2000) a “lógica administrativa centralista que caracterizou o sistema não parece capaz de fazer face com eficácia às mudanças entretanto ocorridas na sociedade a que a escola tem de dar resposta”. (p.8) Assim, os docentes e a escola terão de se adaptar às novas sociedades, mais complexas e heterogêneas.

De acordo com o disposto nas alíneas a) a g), do n.º 2, do ponto II do anexo II, do Decreto-Lei n.º 240/2001, de 30 de Agosto, o professor é um profissional de educação, com a função específica de ensinar; que exerce a sua atividade profissional numa instituição educativa; que estimula o desenvolvimento da autonomia dos alunos e a sua integração na sociedade; que promove a qualidade dos contextos de inserção do processo educativo, garantindo o bem-estar dos discentes; que identifica e respeita as diferenças culturais e pessoais dos alunos, de forma a valorizar os vários saberes e culturas e combater a discriminação; que manifesta capacidade relacional, de comunicação e de equilíbrio emocional; que assume uma dimensão cívica e formativa.

E, conforme o disposto no ponto I, do anexo n.º 2, do Decreto-Lei n.º 241/2001, de 30 de Agosto, o perfil específico de desempenho profissional do professor do 1.º ciclo do ensino básico, e do n.º 1, ponto III do referido Decreto-Lei, integração no currículo:

Perfil do Professor do 1.º Ciclo do Ensino Básico

“O perfil de desempenho do professor do 1.º ciclo do ensino básico é o perfil geral do educador de infância e dos professores do ensino básico e secundário, aprovado em diploma próprio, com as especificações constantes do presente diploma, as quais têm por base a dimensão de desenvolvimento do ensino e da aprendizagem daquele perfil.”

Integração do Currículo

“O professor do 1.º ciclo do ensino básico promove a aprendizagem de competências socialmente relevantes, no âmbito de uma cidadania ativa e responsável, enquadradas nas opções de políticas educativas presentes nas várias dimensões do currículo integrado deste ciclo.”

Assim, ao professor não basta ensinar e transmitir conhecimentos, é necessário ser um facilitador da aprendizagem, um estimulador à criação de novos comportamentos e atitudes, um profissional que exerça influência nos seus discentes.

A música como estratégia de motivação para trabalhar as diferentes áreas curriculares

A ideia ou conceito é o de que um educador/professor é um profissional com muitas funções, que deve simultaneamente mobilizar competências diversas na prossecução do objetivo: formar pessoas.

Neste sentido, o processo de aprendizagem é visto como um processo dinâmico, pessoal e interativo de aquisição de conhecimentos e o seu sucesso, no contexto de educação, deve ser sempre aferido por referência aos objetivos da própria educação, sendo necessário que se verifique, desde a sua entrada até a sua saída, uma mudança nos discentes, no que diz respeito ao aumento, correção ou aperfeiçoamento dos saberes. Cabendo, portanto, ao educador/professor um papel unificador e facilitador da aprendizagem.

É importante que o educador/professor promova os vários níveis do saber, pois a educação é sempre um processo de transformação individual, no saber-saber (conhecimentos, domínio cognitivo), saber-fazer (capacidades, domínio psicomotor) e saber-ser (atitudes, domínio socio-afetivo).

As intervenções durante o estágio curricular em 1º ciclo do ensino básico utilizam um modelo específico, para o nível de educação em questão, a metodologia de trabalho projeto. Esta metodologia caracteriza-se como

uma metodologia assumida em grupo que pressupõe uma grande implicação de todos os participantes. Envolve trabalho de pesquisa no terreno, tempos de planificação e intervenção com a finalidade de responder a problemas encontrados, problemas considerados de interesse pelo grupo e com enfoque social. (Leite; Malpique e Santos, 1989, p.140, *cit in* Ministério da Educação, 1998, p.131)

Neste método de trabalho, de acordo com Vasconcelos (1997), o professor está envolvido em todo o processo, sendo que apresenta também as suas dificuldades, dúvidas e necessidade de novos saberes. Contudo, tem uma função de orientador dos alunos nas suas pesquisas, está atento à dinâmica relacional entre as crianças, sendo indispensável para as ajudar a ultrapassar as suas dificuldades. “Crianças e educadores são construtores de saberes e novos saberes. Assim, os adultos valorizam o erro, a incerteza, a dúvida criadora”. (p. 145)

O tema do projeto “As reutilizações do lixo” respeita o projeto de sala e o projeto da escola/agrupamento. Ambos os projetos abordam o meio ambiente, sendo que, o projeto de sala trata de assuntos relacionados com a reciclagem e a sua reutilização.

1.3. Caracterização da entidade cooperante

A Escola Básica dos Charcos de Almeirim situa-se na Rua da Casa do Povo, freguesia de Almeirim, no concelho de Almeirim e distrito de Santarém. O concelho de Almeirim engloba diversas freguesias, como Benfica do Ribatejo, Fazendas de Almeirim e Raposa. Situa-se na margem esquerda do rio Tejo e a sua área geográfica abrange 22.790 hectares, com cerca de 24.000 habitantes (INE, 1991).

Após a criação da Coutada por D. João I em 1411, Almeirim passou a vila. Com a carta de Mercê de D. João II aos moradores da vila, Almeirim passou a concelho em 1483. Foi constituída sede de concelho em 1836 devido ao aumento da sua área geográfica. Desde 1991 que é cidade dada a sua importância geográfica, próxima do Tejo e de Santarém, do eixo do entroncamento e das estradas nacionais nº114 e nº118. As suas principais produções estão ligadas à agricultura, considerando também um comércio bastante ativo e uma pequena indústria.

A Escola Básica dos Charcos abriu as portas pela primeira vez, no dia 13 de Setembro de 2010. Foi inaugurada oficialmente a 5 de Outubro do mesmo ano. Na sua estrutura define-se com uma zona central, com serviços de apoio a toda a escola (reprografia, biblioteca, refeitório...) e duas alas com salas de primeiro ciclo e pré-escolar. Tem diversos espaços com carácter multiusos (aulas, reuniões, apoio...). Possui ainda um ginásio, onde após o horário de funcionamento da escola, decorrem atividades desportivas abertas à comunidade.

A escola deve o seu nome, à proximidade com o Jardim dos Charquinhos, uma opção em conformidade com outras escolas da cidade, as quais também receberam o nome pelo qual se dominam, de acordo com as zonas onde se inserem.

O edifício tem dois pisos, constituídos de forma a simplificar a mobilidade de crianças e adultos. O rés-do-chão é composto por ginásio, 3 salas do 2º ano e pré-escolar em extremos opostos, escadas nas laterais uma vez que a zona central contempla refeitório, sala de auxiliares, casas de banhos (rapazes, raparigas e deficientes), elevador e consultório médico. O primeiro andar é organizado por gabinete da coordenadora, sala de apoio ao estudo, biblioteca, reprografia, sala de professores/reuniões, casas de banho (rapazes, raparigas e deficientes), elevador e 8 salas dos 1º, 3º e 4º anos. A escola dispõe ainda de um espaço exterior para recreio (coberto e descoberto) e de portaria. Pode-se dizer que tem uma construção moderna, em que os seus espaços interiores são amplos e arejados, com uma boa iluminação, seja ela natural ou

A música como estratégia de motivação para trabalhar as diferentes áreas curriculares

artificial. As salas e os corredores têm ligação direta ao exterior, facilitando a evacuação em caso de emergência.

No que diz respeito à prevenção de acidentes pode verificar que, por exemplo, as tomadas elétricas encontram-se fora do alcance das crianças, os equipamentos são adequados à sua faixa etária, havendo ainda, caixa de primeiros socorros de fácil acesso a cada sala e extintores por toda a unidade escolar. Os materiais de desgaste e qualquer tipo de material usado estão guardados em espaços que as crianças não têm acesso, para acederem a eles é sob autorização e supervisão de um adulto.

O horário do centro escolar é determinado entre as 8h30 e as 19h30. O tempo letivo decorre entre as 9h e as 16h10, sendo que há intervalos de 30 minutos no período da manhã, 10 minutos no período da tarde e 1h30 de hora de almoço. Fora do tempo letivo, das 16h10 às 17h30 as AEC's (atividades extra curriculares) e das 17h30 às 19h30 a CAF (componente de apoio à família).

O grupo docente é composto por educadoras e professores de primeiro ciclo. São anualmente nomeados coordenadores de estabelecimento, departamento e de ano.

O grupo não docente é constituído por auxiliares, animadores, psicóloga, médico pediátrico, médico dentista e porteiro. Este grupo deve zelar pelo bem-estar de toda a comunidade escolar, mantendo a unidade limpa e dar apoio ao grupo docente.

O ambiente sentido nesta unidade é de extrema cordialidade, empenho e dedicação de modo a que esta funcione da melhor forma. As relações são estabelecidas diariamente durante momentos de pausa, reuniões, em ocasiões informais e festividades do projeto escolar. A relação que é estabelecida com os pais e/ou representantes é principalmente uma relação de amizade, confiança, respeito, apoio e partilha, assim como, com todas as crianças.

A Escola dos Charcos, de acordo com o seu Projeto Educativo, visa desenvolver a socialização do aluno, o sucesso escolar bem como a qualidade da aprendizagem e a cultura interdisciplinar. Pretende também estimular a capacidade de autoavaliação, cooperação entre a comunidade educativa, fomentando a inclusão de todos os alunos. Regula-se ainda pelo Projeto Curricular que tem como objetivo principal auxiliar na concretização das finalidades e dos objetivos elaborados no projeto educativo e no Currículo Nacional. Assim, privilegia metodologias como a utilização de estratégias para incentivar os alunos a quererem aprender

A música como estratégia de motivação para trabalhar as diferentes áreas curriculares

desenvolvendo a sua autonomia. Ambos os projetos foram aprovados pelo Agrupamento de Escolas de Marquesa da Alorna de Almeirim. As planificações realizadas pelos docentes respeitam os programas do ensino básico.

Os projetos proporcionam fundamentalmente metodologia, formação, materiais pedagógicos, apoio e enquadramento ao trabalho desenvolvido pela escola.

O Centro Escolar aderiu a um programa que procura dar a conhecer aos alunos os problemas ambientais. O Eco Escolas é um Programa Internacional da Foundation for Environmental Education, desenvolvido em Portugal desde 1996, que pretende encorajar ações e reconhecer o trabalho de qualidade desenvolvido pela escola, no âmbito da Educação Ambiental e/ou Educação para o Desenvolvimento Sustentável. (...)

O Programa é coordenado a nível internacional, nacional, regional e de escola. Esta coordenação multinível permite a confluência para objetivos, metodologias e critérios comuns que respeitam no entanto a especificidade de cada escola relativamente aos seus alunos e características do meio envolvente. (...) Para além do apoio das pessoas e Instituições da Comissão Nacional, o Eco Escolas conta ainda com a parceria de vários municípios e apoios específicos de mecenas para algumas das suas atividades.

O projeto escolhido por esta escola foi o Poster Eco Código, O Eco Estudante deverá conseguir identificar um conjunto de atitudes e comportamentos conducentes à melhoria do ambiente na escola, em casa e na sua região. (...) Todas as escolas candidatas à Bandeira Verde devem ter o seu Eco Código divulgado na escola.

Os docentes do Agrupamento reúnem-se uma vez por mês, sendo que a primeira reunião a realizar é a reunião de conselho pedagógico em que se juntam os coordenadores de cada departamento com o diretor de Agrupamento e coordenador de estabelecimento, em circunstâncias que assim o exigem, vereadores, G.N.R. entre outros. A reunião de coordenação junta o coordenador de departamento, os professores coordenadores de ano e coordenadores de estabelecimento. Por fim, e não menos importante, é a reunião de conselho de ano que junta o coordenador de ano com os professores de ano.

1.3.1. Sala Pré-escolar:

O Jardim-de-infância dos Charcos não tem projeto de sala rege-se, assim, pelo seu projeto do agrupamento. A educadora elabora mensalmente as planificações que poderão sofrer alterações, se assim a educadora o entender e, de acordo com o decorrer das diversas atividades e dos imprevistos que possam surgir. Estas planificações são elaboradas de acordo com as necessidades das crianças, a época do ano, respeitando as Orientações Curriculares do Ensino Básico.

O grupo da sala da educadora Maria José Rosário, é constituído por 21 crianças entre os 3 e 7 anos, das quais 11 do sexo masculino e 10 do sexo feminino. Três crianças estão sinalizadas com NEE (necessidade educativa especial), que recebem apoio devido a um ligeiro atraso no desenvolvimento da linguagem e da cognição. Uma criança é um caso mais severo uma vez que apresenta problemas, também, motores. Quando iniciámos o estágio com este grupo duas crianças já não pertenciam ao grupo. Uma criança foi transferida para um outro jardim de outro concelho e uma outra criança regressou ao seu país de origem. Devido à disparidade de idades é notória uma diferença a nível cognitivo e comportamental.

Pela lei-quadro da educação pré-escolar e pelo Manual DQP (Bertram & Pascal, 2009), são definidos os princípios gerais pedagógicos da educação pré-escolar. Segundo o artigo 10.º, os objetivos visam essencialmente a promoção do desenvolvimento pessoal e social da criança, a sua inserção em grupos sociais diversos, contribuir para uma igualdade de oportunidades, desenvolver a curiosidade e o seu sentido crítico, conferir-lhes condições que assegurem o seu bem-estar e segurança, descobrir a melhor orientação e encaminhamento para a criança segundo as suas inadaptações e deficiências.

Em relação ao percurso anterior do grupo, na sua grande maioria, as crianças são acompanhadas pela educadora Maria José desde os três anos. Um pequeno grupo de crianças da turma transitaram de sala e uma das crianças entrou no 2º período deste ano letivo ainda com dois anos, completando os três a 22 de janeiro. A adaptação, deste pequeno grupo, foi feita de forma tranquila e gradual sem rejeições. Contudo, com a entrada da criança de dois anos, perturbou um pouco o ambiente comportamental da turma. Esta criança além de ainda não ter adquirido as noções de respeito e regras, ainda carece de chucha e de hora da sesta.

A música como estratégia de motivação para trabalhar as diferentes áreas curriculares

O decreto-lei nº5/97 publicado em Diário da República consagra o ordenamento jurídico da educação pré-escolar, que se destina a crianças com idades compreendidas entre os 3 anos e a idade em que ingressam no ensino básico.

A referida lei decreta que a frequência de educação pré-escolar é de carácter facultativo, uma vez que é reconhecido que deve ser a família a conceder a primeira educação das crianças. Por outro lado, ao frequentar a educação pré-escolar, a criança tem oportunidade de se desenvolver mais e melhor, uma vez que lhe são proporcionadas atividades educativas e de apoio à família.

Na grande maioria as crianças vivem com os pais, contudo, algumas crianças têm a presença da mãe ou do pai devido a motivos profissionais. Quanto às profissões dos pais existe uma grande diversidade, estando a maioria empregada. As habilitações dos pais variam entre o 1º ciclo do ensino básico e ensino secundário, em suma, em média têm o ensino secundário. De uma forma geral, estes pais são participativos e interessados quanto às atividades e dia-a-dia dos seus educandos.

A participação da família assume um papel fundamental, à qual é pedida que participe ativamente na educação formal das suas crianças. Magalhães (2007) apresenta a ideia de que quanto mais cedo a família se envolver no processo de educação dos seus filhos, melhores benefícios apresentarão ao nível da performance académica. O interesse dos pais pelo processo de educação determina a forma como as crianças se envolvem e são envolvidas nesse mesmo processo.

A relação com a cooperante esteve em constante construção, de um modo positivo, respeitando os direitos e deveres de ambas as partes. Foi-nos dado à vontade para realizar as atividades que sentíssemos serem pertinentes para o desenvolvimento do grupo e também do nosso enquanto futuras profissionais. As intervenções realizadas foram autorizadas pela educadora e sob supervisão da mesma, respeitando o tema do projeto e tipo de atividades já em curso pela cooperante.

Relativamente às estratégias utilizadas, visto que é um grupo bastante heterogéneo, em certas atividades optava-se por dividi-los por grupos, mas com tarefas atribuídas. Na sua grande maioria as crianças mostravam grande agrado na realização das tarefas propostas.

A música como estratégia de motivação para trabalhar as diferentes áreas curriculares

Havia uma criança que inicialmente nunca queria participar nas atividades mas por vezes, posteriormente, pedia para fazer a atividade. Questionei a educadora relativamente a este comportamento, uma vez que verifiquei que a criança tem a mesma atitude com ela. A educadora tem conhecimento que a criança está a passar por uma fase diferente na sua vida, porque o seu pai foi trabalhar para o estrangeiro. Não estamos de acordo com a atitude e opção da educadora, porque, o facto de a criança não participar nas atividades na altura devida, faz com que a criança faça o que entende dentro da sala. A sua atitude provocava alguma desobediência por parte dos restantes elementos do grupo. «Não quero fazer porque o X também não faz». Assim, aquando o desenvolvimento das atividades e a criança não queira participar, era incluída no grupo ou no espaço em que se estava a desenvolver a atividade. Gradualmente a criança começou a participar ativamente nas atividades.

A sala tem uma zona ampla, composta por várias áreas para atividades, nomeadamente, o espaço dos jogos de mesa, da escrita, da matemática, da garagem, da casinha, dos jogos de chão e do desenho livre. Na sala existe também um lavatório e dois computadores, um destinado a jogos e outro para pesquisas acompanhadas pela presença de um adulto.

Nas paredes da sala é possível observar quatro placares onde são expostos os trabalhos desenvolvidos pelas crianças, sozinhas ou em conjunto com os adultos, mapa das presenças, regras da sala, datas de aniversários, entre outros.

A composição da sala, tal como, os materiais disponíveis respeitam em grande parte o despacho conjunto n.º 258/97, de agosto e despacho conjunto n.º 268/97, de 25 de agosto. Contudo, verificámos que a instituição não respeita o ponto 3.1 “ A marca “CE” deve figurar em todos os brinquedos e material didático, de forma visível, legível e indelével” do despacho conjunto n.º 258/97, de agosto. Verificámos, ainda, que a instituição no que diz respeito à listagem do material do anexo I, não contém na sala cerca de 16% do equipamento mínimo.

Do que nos foi possível observar, as práticas de avaliação são desenvolvidas progressivamente, tanto ao longo do dia como mensalmente. Todos os trabalhos que as crianças realizam, após o seu termo, dirigem-se à educadora para dar a sua aprovação, posteriormente guardam nas respetivas prateleiras. O arquivo das mesmas é feito pela auxiliar e/ou educadora, numa pasta identificada de cada criança, permitindo assim avaliar o progresso individual.

A música como estratégia de motivação para trabalhar as diferentes áreas curriculares

O grupo da Educadora Maria José tem uma noção definida da rotina diária da sala, verificando um relacionamento de grande ajuda entre eles e de cumplicidade para com a educadora e auxiliar.

1.3.2. Sala 1º Ciclo do Ensino Básico:

Relativamente à turma do 1º AC da professora Vera Freilão é constituída por 20 alunos com idades compreendidas entre os 6 e 8 anos, dos quais 11 são do sexo feminino e 9 do sexo masculino. Os alunos desta turma são do concelho de Almeirim, têm nacionalidade portuguesa à exceção de um aluno que tem nacionalidade angolana e outro nacionalidade romena.

Depois do tempo letivo com a professora titular de turma os alunos têm atividades de enriquecimento curricular (AEC) como inglês, desporto e robótica mas nem todos estão inscritos. Depois das AEC ainda existe a componente de apoio à família (CAF). Nem todos os alunos estão inscritos nestas atividades, alguns alunos frequentam Atividades de Tempos Livres (ATL).

É de salientar que a grande maioria dos alunos coabitam com os dois pais, contudo, algumas crianças têm apenas a presença da mãe ou do pai devido a motivos profissionais. Quanto às profissões dos pais existe uma grande diversidade, estando a maioria empregada. As habilitações dos pais variam entre o 1º ciclo do Ensino Básico e Licenciatura, em suma, a média tem o ensino secundário. De uma forma geral, estes pais são bastante participativos e interessados nas atividades e no dia-a-dia dos seus educandos.

A turma tem um aluno referenciado com NEE (Necessidades Educativas Especiais), que veio transferido de uma escola de Braga depois do ano letivo começar. O processo individual do aluno foi rececionado 7 semanas depois do início do ano letivo. Assim sendo, apesar de ter sido efetuado uma breve avaliação por parte da docente de ensino especial desta instituição, mas como se aguardava a receção do processo, ainda não está delineada um PEI (Plano Educativo Individual) para este aluno que, segundo o seu processo individual, está diagnosticado com espectro do autismo. Contudo desde que o aluno chegou a esta instituição tem sido acompanhado por profissionais de ensino especial e de apoio ao estudo.

A música como estratégia de motivação para trabalhar as diferentes áreas curriculares

A professora titular de turma inclui este aluno nas atividades e apoia-o na realização das tarefas. O aluno sente-se bem integrado na turma, interage, socializa com os colegas e participa nas atividades. Mas, o aluno por vezes tem momentos em que está mais agitado, não sendo fácil a sua participação nestas mesmas atividades.

Uma vez que já foi rececionado o processo individual deste aluno, e vem sinalizado com o espetro do autismo, será feito uma nova avaliação tendo em conta todo o processo escolar do aluno para que seja elaborado um PEI.

A turma é um grupo homogéneo, refletindo no geral uma equidade a nível cognitivo e comportamental, observado pelo interesse e vontade demonstrados em aprender novos saberes (saber-estar, saber-fazer e saber-ser).

Todos os alunos frequentaram a educação pré-escolar, embora em instituições diferentes. Esta observação é evidente no comportamento da turma de um modo geral. Seja, relativamente, ao cumprimento de regras, no comportamento e na motricidade fina.

Relativamente aos equipamentos e materiais, estes encontram-se adequados aos alunos. A sala de aula está equipada com lavatórios, cabides, placar de informações (para alunos e docente), armário para arrumação, computador com acesso à internet e quadro de ardósia e interativo. O quadro interativo, na maioria das vezes é utilizado para realização de atividades, visionamento de vídeos e de manuais da escola virtual. As mesas são duplas com prateleira inferior de modo a facilitar a organização do material escolar individual.

As atividades são planificadas de acordo com os programas do 1º Ciclo do Ensino Básico integrando o projeto de sala. As planificações realizam-se mensal e semanalmente, sendo organizadas por um grupo de professores no conselho de ano. Os professores desta escola trabalham em grupo, elaborando as planificações em conjunto de acordo com o ano de escolaridade.

A docente não utiliza nenhum modelo educativo específico, contudo o que se destaca é o método do Movimento da Escola Moderna que é visível na disposição da sala, desenvolvimento das atividades semanais, na solidariedade entre os alunos e a educação livre de autoridade ajustada. O comportamento da professora em relação ao reforço positivo/negativo, é notável (de um modo equilibrado), contudo o mais aplicado é o reforço positivo.

A música como estratégia de motivação para trabalhar as diferentes áreas curriculares

A docente tem um horário semanal de 35 horas. 25 horas são letivas correspondentes ao tempo de aulas, sem contabilizar os intervalos. 10 horas não letivas, são preenchidas por 8 horas de trabalho (planificações, correção de trabalhos, preparação das aulas, entre outros). 2 horas são utilizadas na vigilância do recreio (30 min.), o reforço das aprendizagens (1 hora/semana) e o atendimento aos encarregados de educação (30 min.).

A relação obtida com a professora cooperante é de empatia e confiança mútua. Transmitiu-nos desde logo uma disponibilidade e à vontade para dialogar com os alunos, cooperar nas atividades da sala, ajudar os alunos quando têm dificuldades e realizar as atividades que sejam pertinentes para o desenvolvimento do trabalho do grupo e incluindo-nos enquanto futuras profissionais. Mostra-se sempre disponível para reunir e esclarecer quaisquer dúvidas que nos possam surgir.

1.4. Desenvolvimento da prática profissional e problematização da questão de partida/do tema a partir da prática

1.4.1. Contexto Pré-escolar:

As intervenções desenvolvidas ao longo do estágio foram planeadas de acordo com as planificações mensais da docente cooperante e plano de sala respeitando sempre as orientações curriculares para o pré-escolar. Desde de início, a orientadora cooperante deu-me liberdade para intervir junto do grupo, sempre que o desejasse, uma vez que iria enriquecer as minhas competências neste contexto.

As atividades planificadas estiveram, na grande maioria, relacionadas com as diferentes áreas: formação pessoal e social, expressão e comunicação (domínio das expressões motora, dramática, plástica e musical; domínio da linguagem oral e abordagem à escrita; e domínio da matemática) e conhecimento do mundo. Todas as atividades foram, antecipadamente, planificadas e com a aprovação da docente.

Martí e Guerra (1996) afirmam que “não é apenas nas escolas que as crianças aprendem; a sua formação é um processo contínuo que se verifica constantemente nas várias situações diárias.” p. 2

De facto, o sistema educativo não se confina ao sistema escolar, uma vez que é igualmente acompanhado pelo ambiente familiar em que a criança cresce, pelas conceções de

A música como estratégia de motivação para trabalhar as diferentes áreas curriculares

vida e costumes da sociedade em que vive lhe transmite. Desta forma, é possível considerar que todos os seres iniciam o seu processo de educação desde que nascem.

Atualmente a escola assume um papel de extrema importância na educação, que não se deve, no entanto, desligar do processo geral de desenvolvimento.

Tal como sugerem Magalhães (2007) e Taylor & Brickman (1991), é no seio familiar que se adquirem valores essenciais e se estabelecem relações afetivas que serão muito importantes no processo de amadurecimento das crianças. A educação é algo que compete, simultaneamente aos pais e educadores, no sentido de se conseguir uma formação completa e harmoniosa.

O jardim-de-infância procura satisfazer as necessidades fundamentais das crianças com o intuito de possibilitar o seu correto desenvolvimento. O período compreendido entre os três e os cinco anos de idade é muito valorizado, de tal forma que, embora nesta idade não seja obrigatório frequentar uma instituição escolar, são definidos para esta etapa os ensinamentos e as competências próprias, assim como as características que os profissionais da educação devem ter.

Na idade pré-escolar, as crianças devem aprender a conviver com outras crianças da sua idade e com adultos que não pertençam ao seu núcleo familiar mas que tenham autoridade sobre elas. Devem ser adquiridas variadas aprendizagens, ao nível orgânico, psicomotriz, linguístico, conceptual e afetivo, com o objetivo da formação do indivíduo como membro da sociedade (Martí & Guerra, 1996). O educador deve ter competências que lhe permitam partir das potencialidades individuais de cada criança para lhes proporcionar experiências ricas de aprendizagem.

Conhecida a importância da educação infantil podemos afirmar que, é desde as idades mais precoces que se deve procurar oferecer às crianças os meios para que se desenvolvam de forma equilibrada, atendendo às suas necessidades educacionais.

A organização do espaço educativo estrutura todos os elementos que intervêm nas aprendizagens das crianças, assim como regula a atividade educativa. Deve-se ter em consideração a diversidade de crianças, uma vez que é um aspeto inerente ao seu desenvolvimento.

Maura (2004) afirma que as crianças podem ser agrupadas de maneiras diferentes, conforme as atividades que se querem desenvolver: individual, coletiva e em pequenos grupos.

A música como estratégia de motivação para trabalhar as diferentes áreas curriculares

As atividades individuais permitiram que se adequasse o trabalho às características das crianças, respeitando o seu ritmo próprio. Aqui, o educador deve ter essencialmente um papel de “organizador do meio e do ambiente” Maura (2004) p. 340, facultando os materiais necessários para a realização da atividade proposta.

Por sua vez, as atividades coletivas têm a vantagem de se poder compensar as desigualdades do grupo, uma vez que o educador pode sugerir atividades que assegurem aprendizagens comuns a todos. Através do trabalho coletivo, as crianças aprendem formas sociais de trabalho, aprendendo regras essenciais para uma boa convivência em sociedade. No meu ponto de vista, este aspeto é fundamental no desenvolvimento de qualquer criança.

Na idade pré-escolar, as crianças ainda têm dificuldade em ficar de acordo umas com as outras em relação a determinados assuntos, daí que as atividades em pequenos grupos se realizem quase a nível experimental.

A maioria das atividades foram realizadas com as crianças de forma coletiva. Nas conversas em grande grupo foi possível observar como as crianças, sendo diferentes, podem oferecer diferentes contributos e por isso ajudar a compensar as desigualdades do grupo. Por outro lado, quando a tarefa pretendida pela educadora exigia que se respeitasse o ritmo de trabalho de cada criança, geralmente a atividade era feita individualmente com a criança, assumindo a educadora precisamente um papel de orientadora.

Um outro aspeto muito importante a considerar é a distribuição do espaço. Maura (2004) diz-nos que se “deve favorecer o desenvolvimento harmonioso da criança, valorizando os aspetos importantes que configuram este crescimento.” (p. 340). Devem ser considerados os processos perceptivos, motores, cognitivos, de relação e afetivos, que se devem procurar desenvolver durante todo o tempo de permanência na sala de aula.

A sala encontrava-se organizada em áreas de trabalho. Tanto na área da casinha, como na da garagem, na área do tapete e biblioteca, nas mesas de trabalho e também na área das expressões, é possível trabalhar os aspetos em cima referidos (perceptivos, motores, cognitivos, de relação e afetivos). Enquanto permaneciam na sala, as crianças eram distribuídas pelas áreas de modo a que estivessem sempre a desenvolver algum destes domínios.

A distribuição do tempo é fundamental. Todas as atividades devem ser programadas, evitando-se cair na improvisação. É necessário que as ações sejam organizadas de forma sucessiva para que as crianças possam ir integrando melhor as aprendizagens realizadas (Maura,

2004). Na sala onde estagiávamos havia uma rotina diária a que as crianças já estavam habituadas. Sabiam que haviam determinadas tarefas que eram comuns a todos os dias, mas também que em certas alturas se fazia algo diferente. As crianças tinham consciência disto, o que as ajudava a organizar e a interiorizar as aprendizagens que faziam todos os dias.

Nesta sala foi possível observar atividades realizadas pelas crianças que de alguma forma se relacionavam com a matemática. Podia não ser de uma forma direta, mas havia uma componente matemática em muitas das atividades que faziam. Por exemplo, através dos variados jogos e construções disponibilizados, as crianças tinham que usar o raciocínio lógico-matemático para serem bem-sucedidas na atividade. Recorriam a certos conceitos matemáticos que já tinham aprendido e que iam consolidando cada vez melhor.

De acordo com Castera (2004), os conteúdos a ensinar às crianças nesta etapa são as primeiras noções mais básicas, como as referentes ao tamanho (grande-pequeno-médio), ao comprimento (longo-curto, largo-estrito), ao peso (pesado-leve), à quantidade (mais menos, muito-pouco), à passagem do tempo (antes-agora-depois). Refere a autora que, para que as crianças se apropriem deste conhecimento, o educador as deve incentivar a desenvolverem determinados procedimentos matemáticos que posteriormente lhe permitam comparar e estabelecer relações. Também é muito importante que a criança consiga antecipar os resultados, testar soluções, justificar os passos para alcançar os seus próprios resultados.

A maioria das crianças gostavam de fazer construções lógicas que lhe exigissem o uso do raciocínio. Por várias vezes, quando conseguiam concluir com sucesso uma destas construções solicitavam a ajuda de um adulto e, em alguns casos acabavam por desistir e arrumavam o jogo. Quando se esforçavam e tentavam concluir, mostravam-se entusiasmados e satisfeitos por terem conseguido encontrar a solução. No fundo, tinham conseguido prever o resultado e justificar os passos percorridos até o conseguir.

Castera (2004) diz-nos que o mais importante do que manipular os objetos é que a criança seja mentalmente ativa na construção do seu conhecimento. O educador deve estar consciente das situações e das atitudes que podem potencializar a aprendizagem da matemática, assim como, daqueles que podem ter o efeito inverso, como é o caso da passividade, da repetição inútil, da sensação de fracasso, entre outros. Pudemos também observar que a educadora encorajava as crianças a continuarem a descobrir mais formas de solucionarem os seus problemas, de levarem o raciocínio mais além.

A música como estratégia de motivação para trabalhar as diferentes áreas curriculares

Segundo Castera (2004), podem definir-se dois objetivos gerais relativos ao ensino da matemática no pré-escolar. São eles: “favorecer na criança uma boa estrutura mental e proporcionar-lhe uma ferramenta para o conhecimento do seu ambiente.” (p. 285)

É importante que o educador ofereça às crianças variados materiais, para que uma mesma noção não fique associada apenas a uma experiência, mas antes que favoreça o processo de generalização. Tal acontecia na sala onde estagiámos, pois os materiais de apoio eram variados e em número suficiente.

Muitas vezes, a matemática é vista como uma área que “assusta” e que é considerada difícil. Na nossa opinião, é fundamental que, desde cedo se introduzam alguns conceitos matemáticos às crianças e que, sobretudo, se lhes incute o gosto pela matemática.

“Muito mais do que ensinar as crianças a ler ou a conhecer letras, parece-nos de primordial importância desenvolver nas crianças a sensibilidade e o gosto pela leitura.” Lopes (2006, p.64). Pareceu-nos importante refletir um pouco sobre este assunto, sobretudo porque no plano de atividades semanal, a hora do conto era das atividades mais constantes.

Segundo Lopes (2006) sabe-se que os pais que leem frequentemente para os seus filhos terão tendencialmente crianças com melhor rendimento académico, crianças mais despertadas para descobrir e saber mais. No jardim-de-infância onde realizámos o estágio percebemos que poucas crianças tinham este acompanhamento familiar. Por outro lado, era também uma das preocupações da educadora pois, praticamente todos os dias, havia um momento dedicado à leitura. Lopes diz-nos ainda que, em muitos casos, as crianças que proveem de meios mais carenciados só têm acesso à leitura nos jardins-de-infância, reforçando assim a sua importância neste espaço.

Quando se lia uma nova história às crianças, a mesma era lida de uma forma dinâmica e entusiasmada, interagindo com as crianças à medida que a história se ia desenrolando. As crianças mostravam satisfação por aquele momento dedicado à leitura e respondiam com interesse às questões que a educadora lhes colocava posteriormente.

De entre as várias potencialidades que a leitura pode proporcionar, Lopes (2006) afirma que esta possibilita “o desenvolvimento do raciocínio, do sentido crítico, forma o gosto, dá asas à imaginação e abre as portas da inteligência e da sensibilidade, contribuindo para a formação integral do indivíduo” (p.66). Por outro lado, Bettelheim (1975) diz-nos que as histórias infantis, sobretudo os contos de fadas, transmitem importantes mensagens à mente consciente,

A música como estratégia de motivação para trabalhar as diferentes áreas curriculares

pré-consciente e inconsciente da criança. Os contos de fadas começam onde a criança realmente se encontra no seu psicológico e emocional e falam das suas pressões internas graves de um modo que ela inconscientemente não compreenderia facilmente. Além disto, ainda oferece soluções para os problemas e transmite uma mensagem muito importante: a de que uma luta contra dificuldades na vida é inevitável, é parte intrínseca da existência humana.

Com a autorização do agrupamento e da educadora orientadora, foi possível planificar e efetuar uma visita ao posto da G.N.R. A visita foi realizada com sucesso, permitindo às crianças presenciarem na primeira pessoa, grande parte de todo o trabalho da G.N.R., colmatando lacunas e dúvidas sobre esta profissão.

Todas as intervenções realizadas enquanto estagiárias tiveram a supervisão da docente cooperante, sendo que não foi necessária, maioritariamente, a sua intervenção, deixando-nos orgulhosas pelo facto de conseguirmos desempenhar bem o papel, que no futuro será a nossa profissão.

Durante e após todas as intervenções, independentemente, da área desenvolvida constatámos, para nosso agrado e satisfação, que as crianças foram bastante participativas, aderiram com facilidade, empenharam-se e soltaram a sua criatividade, tanto a nível teórico como prático.

As intervenções desenvolvidas permitiram-nos observar e avaliar o modo como as crianças adquiriam as aprendizagens. Conseguindo, ainda, analisar o modo como o grupo conseguiu captar, com menor ou maior facilidade, estas mesmas aprendizagens.

Podemos testemunhar na primeira pessoa uma criança a aprender através dos nossos ensinamentos foi o mais gratificante de todo o estágio. Uma experiência que jamais esqueceremos, que fará parte do nosso currículo e que contribuiu para o nosso crescimento como futuras docentes.

Quanto às estratégias utilizadas, apesar de planeadas, fluíram de modo natural, para que me fosse possível perceber se resultavam e que correções a fazer. As atividades desenvolvidas tinham como aspeto positivo o facto de conseguir envolver todo o grupo e desencadear a entreatajuda entre eles, autonomia e empenho.

No decorrer das atividades, bem como, na observação do papel da educadora cooperante, avaliámos as crianças, de um modo geral, quanto à sua participação, à organização do trabalho, à autonomia, ao empenho, à criatividade, ao cumprimento de regras, ao espírito de

A música como estratégia de motivação para trabalhar as diferentes áreas curriculares

entre ajuda, ao aperfeiçoamento progressivo e às respostas rápidas. A implicação mais observada foi o facto de, por vezes, gerar alguma confusão devido ao entusiasmo que tinham, querendo todos responder ao mesmo tempo e mostrar que sabiam.

1.4.2. Contexto 1º Ciclo do Ensino Básico:

As intervenções desenvolvidas ao longo do estágio foram planeadas de acordo com as planificações semanais da docente cooperante. Desde de início, a orientadora cooperante deu-nos liberdade para intervir junto da turma, sempre que o desejássemos, uma vez que iríamos enriquecer as nossas competências neste contexto.

As atividades planificadas estiveram relacionadas com as diferentes áreas: matemática, português, estudo do meio, expressões e trabalho projeto. Todas as atividades foram planificadas, antecipadamente, e com a aprovação da docente.

Segundo o Programa de Português do Ensino Básico, para uma boa execução de uma planificação deve-se valorizar o princípio da progressão, uma vez que temos de ter o cuidado de ativar conhecimentos prévios das crianças, neste caso sobre as letras que estas já conhecem e estimulá-las para a aprendizagem.

As atividades de introdução da tarefa funcionaram como motivação e para que estas ativassem os conhecimentos prévios que mobilizaram para resolver as atividades propostas.

Quando planificámos, partimos dos conhecimentos prévios e complexificámos contribuindo para o progresso da criança. Deve-se dar oportunidade à criança para usar os conhecimentos que já tem e prepará-la para que no fim tenha mais conhecimentos do que os que tinha no início para passar para a etapa seguinte.

A aprendizagem é, então, um percurso/caminho apoiado em aprendizagens anteriores, o saber alarga-se, especializa-se, complexifica-se e sistematiza-se (desenvolvimento do currículo).

Nos dois primeiros anos do 1º ciclo torna-se pertinente a combinação entre o ensino explícito e sistemático da decifração e o trabalho com a consciência fonológica, sendo que para a aquisição da competência de decifração é muito importante o acompanhamento do trabalho da consciência fonológica.

A música como estratégia de motivação para trabalhar as diferentes áreas curriculares

Para compreender a mensagem escrita, a criança deve reconhecer visualmente a palavra e conhecer a relação grafema/fonema. (Lima, 2011)

Para esta compreensão o leitor deve ter conhecimentos prévios sobre a temática (modelos descendentes) e deve dominar o código linguístico (modelos ascendentes).

No processo de aprendizagem da leitura a criança deve utilizar, adequadamente, fontes de informação visual e fonológica. A utilização de modelos interativos de leitura revelou-se benéfica uma vez, que as dificuldades que podem surgir às crianças, foram facilmente ultrapassadas.

A aprendizagem da escrita implica o desenvolvimento de três competências: a competência gráfica, a competência ortográfica e a competência compositiva. Nas atividades as crianças desenvolveram a competência gráfica, uma vez que trabalharam, principalmente, o desenho da letra, bem como o seu nome e som.

As planificações realizadas auxiliam no desenvolvimento do reconhecimento fónico (capacidade de estabelecer relações letra-som), o reconhecimento alfabético (capacidade de reconhecer, nomear e ordenar letras), o vocabulário oral e a escrita. Na formação de letras maiúsculas e minúsculas, demonstrada através de imagens, utilizaram uma caligrafia que tornou mais fácil unir as letras numa fase posterior.

A aprendizagem da leitura e da escrita não foi apenas focada na importância que tem para a disciplina de Língua Portuguesa mas, também, como condiciona ou favorece a aprendizagem nas outras disciplinas.

Como futuras professoras do 1º ciclo tivemos o cuidado de realizar atividades dinâmicas, lúdicas, interativas, coerentes e coesas. Foi importante ter conhecimento de diferentes métodos e modelos de aprendizagem da leitura, uma vez que, o grupo de alunos, ou até, num episódio que um aluno necessitou de uma adequação no processo de ensino-aprendizagem, fomos capazes de utilizar e implementar o método mais benéfico e adequado à turma.

Na área da matemática, todas as crianças desenvolveram a capacidade de transferir a matemática para situações do quotidiano, de modo a analisar e resolver situações problemáticas para raciocinar e comunicar.

A música como estratégia de motivação para trabalhar as diferentes áreas curriculares

Para a realização das atividades os alunos necessitaram de mobilizar a competência matemática que envolve a compreensão de um conjunto de noções de matemática que fomentam o desenvolvimento gradual da mesma.

A compreensão dos tópicos do programa de Matemática, como os números, as medidas ou as representações geométricas, envolveram capacidades matemáticas bastante importantes, como a estimação e a resolução de problemas.

Com as atividades exploradas pretendemos partir de uma problemática social e adequá-la ao dia-a-dia das crianças, sendo esta uma boa estratégia, visto que quando partimos de um problema ligado ao quotidiano dos alunos é-lhes possível colocar questões, decidir sobre o tipo de informação a recolher, como organizá-la e interpretá-la, de modo a responder às questões formuladas.

Segundo o Programa de Matemática do Ensino Básico existem três grandes capacidades transversais, tais como: a resolução de problemas, o raciocínio matemático e a comunicação matemática. Assim sendo, nas tarefas propostas promovemos o desenvolvimento de todas elas.

Ainda no que diz respeito às tarefas pretendemos estimular o trabalho com o raciocínio matemático, uma vez que, desta forma os alunos podem formular e testar conjeturas e testar as possíveis generalizações que podem surgir.

Na aplicação da tarefa fomentámos a comunicação matemática, visto que os alunos devem ser capazes de expressar as suas ideias, argumentando e discutindo outras e apresentando novas propostas, mais uma vez no processo de conclusão.

De acordo com os Princípios Orientadores do Programa de Estudo do Meio para o 1.º Ciclo do Ensino Básico, grande parte dos conhecimentos adquiridos pelas crianças resultam do contacto com o meio e com a realidade. As atividades propostas visavam valorizar e reforçar os conhecimentos dos alunos e as suas atitudes perante a sociedade.

A área das expressões contribui para o desenvolvimento, tanto de um adulto como de uma criança. Os temas abordados em sala de aula foram bastante benéficos, tendo em conta que, foi possível introduzir temas e desenvolvê-los através de atividades bastante dinâmicas e interativas, que podem ser aplicadas ao quotidiano.

As expressões encontram-se muito presentes no dia-a-dia, tornando-se bastante útil e interessante, uma vez que foi possível transpor os conteúdos de sala de aula para a realidade cá fora.

A música como estratégia de motivação para trabalhar as diferentes áreas curriculares

As atividades tiveram componentes individuais e em grupo, fator que desenvolveu o trabalho cooperativo, transmissão de conhecimentos, contribuindo imenso para o processo de ensino e aprendizagem.

As estratégias e as dinâmicas desta área possibilitaram aplicar diversas temáticas junto das crianças, desenvolvendo a sua criatividade e imaginação, abrangendo vários domínios.

Relativamente à área projeto, que aborda o tema da reciclagem, as atividades desenvolvidas estiveram sempre relacionadas com a área do português, matemática, estudo do meio e expressões.

Com a autorização da escola e da professora orientadora, foi possível ter a visita de uma encarregada de educação que, trabalha num centro de recolha e tratamento de resíduos “Ecoleziria”, deslocou-se à escola para falar sobre o todo o processo de reciclagem. Assim, as crianças ficaram mais elucidadas relativamente ao processo de reciclagem e ao mesmo tempo curiosas para poderem vivenciar todo o processo.

Após a visita da encarregada de educação, o tema foi abordado em sala de aula e, como os alunos ficaram com muita curiosidade em ver de perto todo o processo, em conjunto com a orientadora cooperante planificámos uma visita à Ecoleziria. Pedimos autorização à escola, posteriormente, ao agrupamento. Após recebermos autorização do agrupamento, trocámos e-mail's com a Ecoleziria e por fim, solicitamos o apoio da câmara para nos cederam o autocarro.

A visita foi realizada com sucesso, permitindo aos alunos presenciarem na primeira pessoa, grande parte de todo o processo, colmatando lacunas e dúvidas sobre a reciclagem.

Parte II – Estudo Empírico ou projeto de intervenção

2.1. Enquadramento teórico/definição de conceitos

2.1.2. Metodologias Expressivas e Aprendizagens Escolares

Segundo Ferraz (2011, citado por Quadrado, 2012, p. 3) “educar trata-se de um ato de amor”, onde os professores coadjuvam os alunos no seu crescimento e formação enquanto futuros cidadãos de uma sociedade.

Cada vez mais o professor tem a responsabilidade de tornar os seus alunos sujeitos ativos, capazes e, devidamente, integrados. Portanto, cabe ao professor o papel de encorajar e despertar os seus alunos ao nível cognitivo, motor, emocional e racional de forma a desenvolver as suas potencialidades.

Para tal, o professor deve pôr em prática a sua criatividade e espontaneidade, tornando-se num facilitador da aprendizagem. Contudo, é necessário que o professor desenvolva a sua capacidade criativa de forma a promover um ambiente benéfico para os seus alunos, contribuindo para aquisição de conhecimentos e, por sua vez, fazendo com que estes desenvolvam, também, a sua criatividade. Pois, segundo Santeiro, Santeiro e Andrade (2004) “a criatividade tem sido reconhecida como de relevância para o desenvolvimento e compreensão do ser humano e de suas manifestações”. (p. 95)

Conforme Lowenfeld (1970, citado por Nunes, 2011, p.3),

A arte e a capacidade criadora sempre estiveram intimamente ligadas. Entretanto, com o interesse crescente na criatividade e o grande número de pesquisas, nessa área, tornou-se muito claro que é possível ter um programa artístico nas escolas, o qual não seja, automaticamente, de natureza criadora. A criatividade está a tornar-se uma preocupação vital para muitas pessoas; precisamos compreender o processo que envolve a evolução do pensamento criador das crianças.

Assim, o professor tem um papel fundamental na formação dos seus alunos, devendo utilizar as mais variadas técnicas e metodologias para promover a aprendizagem e a aquisição de conhecimentos, bem como ajudar no desenvolvimento global e integral dos mesmos.

A música como estratégia de motivação para trabalhar as diferentes áreas curriculares

De acordo com Ferraz (2011, citado por Quadrado, 2012, p.9), a Educação Expressiva “é definida pelo estímulo de todas as formas de expressões humanas em contexto educativo, socioeducativo, em sala de aula ou em educação comunitária, com a finalidade de promover a formulação do conhecimento, a aprendizagem e o desenvolvimento de competências humanas.”

Quadrado (2012) refere, ainda, que a Educação Expressiva “pretende capacitar o indivíduo para uma melhor percepção de si e dos outros através da expressão, quer ela seja no âmbito artístico, lúdico, sensorial ou ritualista.” (p. 10) E, assim, facilitar “o seu crescimento, evolução e maturação” e multiplicando “a sua capacidade de respostas mais criativas às vicissitudes da vida.” Jesus (2011 citado por Quadrado, 2012, p. 10).

Para além do já referido, Bucho (2011, citado por Quadrado, 2012, p. 11), acrescenta que

a Educação Expressiva possibilita que o sujeito abandone e deixe para trás as suas velhas resistências, ansiedades e medos, e lhe permita aventurar-se em novos caminhos, novos rumos, novos conhecimentos. O sujeito transforma-se e é transformado, num sujeito mais confiante, assumindo riscos, sem medo de errar e assumindo-se em tudo aquilo que faz. Expressar é entrar em relação com o outro e consigo mesmo. Ao relacionarmo-nos com os outros ampliamos horizontes, crescemos e aprendemos.

Assim, o uso de metodologias expressivas possibilita ao aluno a aquisição de regras e padrões ao nível pessoal e social, aprendendo a lutar contra as suas deceções, angústias e desilusões e valorizando os seus sucessos, êxitos e triunfos.

Jesus (2011, citado por Quadrado, 2012, p. 14) afirma que

os educadores expressivos têm sido importantes aliados na abordagem dos diversos temas tratados, já que permitem não só estimular a motivação dos alunos para as nossas partilhas conjuntas, como favorecem momentos de aprofundamento das temáticas, ao permitir que as crianças entrem em contacto com aquilo que emerge enquanto criam e recriam. Neste bonito processo de descoberta interna, individual ou em grupo, é frequente perceber os seus olhares de espanto, quando se apercebem de uma nova variável nas suas reflexões, ou quando se dão conta que nunca se tinham apercebido

A música como estratégia de motivação para trabalhar as diferentes áreas curriculares

das suas reações corporais face a determinados assuntos, ou ainda a sua capacidade de criar, visto que nestas idades, por vezes, já se encontra adormecida e pouco consciente.

A autora refere ainda que é através das experiências sensoriais e lúdicas que o aluno se torna mais comunicativo, autónomo, espontâneo, autoconfiante e sem o preconceito e medo de errar quando, em sala de aula, se abordam os vários temas e conteúdos, favorecendo, desta forma, as aprendizagens escolares. Uma vez que, segundo Jesus (2011, citado por Quadrado, 2012, p.14), as crianças

recriam aquilo que consideram importante, reorganizam as informações novas, nas suas estruturas cognitivas internas, ressignificam temas, descobrem novas dúvidas e a brincar descobrem também novas respostas. Tudo isto sempre apoiadas na sua capacidade para explorar criativamente o mundo, aquilo que as rodeia, o que permite transformar um estímulo, numa aprendizagem prazerosa, significativa e duradoura.

Conforme Quadrado (2012), a Educação Expressiva assenta em quatro Grandes Correntes Teóricas, a saber: a Andragogia, de Malcon Knoles, que valoriza a experiências dos indivíduos (na formação de adultos); o Construtivismo, de Jean Piaget, refere que a aquisição do conhecimento varia conforme o grau e estágio de desenvolvimento dos indivíduos; a Consciencialização, de Paulo Freire, que se baseia na construção do conhecimento através de formações e participação ativa na sociedade; e as Metodologias Expressivas Integradas, que se apoiam na expressão livre realizadas pelos indivíduos.

O conjunto destas correntes origina uma metodologia rica, empreendedora, produtiva, flexível e motivadora, podendo ser utilizada em situações educativas formais e não formais.

Segundo Ferraz e Dalmann (2011, citado por Quadrado, 2012), existem quatro tipos de atividades expressiva, a saber: a artística (expressão plástica, corporal, vocal, musical, dramática, escrita, técnicas projetivas e folclore), lúdica, sensorial e ritualista.

De acordo com os autores, podem ser utilizadas as seguintes metodologias:

Tabela 1– Tipos de Mediadores e Atividades Expressivas [Ferraz e Dalmann (2011, citado por Quadrado, 2012, p. 19)]

Classificação	Tipos de Mediadores e Atividades Expressivas
Artística	<p>Expressão Plástica - Pintura, desenho, escultura, modelagem, colagem;</p> <p>Expressão Corporal - Mímica, dança, movimento;</p> <p>Expressão Vocal - Voz, canto, respiração</p> <p>Expressão Musical - Utilização de instrumentos musicais, audição musical;</p> <p>Expressão Dramática - Representação, dramatização e técnicas psicodramáticas;</p> <p>Expressão Escrita - Escrita espontânea e não estruturada;</p> <p>Técnicas Projetivas - Audiência e visualização reflexiva e criativa de filmes, slides, imagens, fotografias e fotocópias;</p> <p>Folclore.</p>
Lúdica	<p>Brincadeiras infantis;</p> <p>Dinâmicas de grupo;</p> <p>Jogos espontâneos;</p> <p>Jogos de aprendizagem;</p> <p>Jogos musicais;</p> <p>Jogos simbólicos.</p>
Sensorial	<p>Estimulação dos sentidos;</p> <p>Estimulação tátil, estimulação visual, estimulação gustativa, estimulação olfativa, estimulação tátil e estimulação visual;</p> <p>Riso;</p> <p>Aromas.</p>
Ritualística	<p>Meditação;</p> <p>Rituais de Celebração;</p> <p>Rituais de Despedida;</p>

	Rituais de Iniciação; Rituais de Integração; Rituais de Nascimento; Rituais de Passagem; Rituais de Transformação; Rituais Familiares; Rituais Sociais; Representação de rituais de outras culturas; Rituais Xamânicos; Utilização dos elementos naturais; água, fogo, terra e ar.
--	---

Ferraz e Dalmann (2011, citado por Quadrado, 2012, p. 20) referem que a utilização destas metodologias na educação permite

integrar som, toque, cheiro, sorriso, rito, corpo, voz, movimento, cor, pintura, representação, dança, imaginação, audição ativa e passiva, escrita, grito, riso, jogo, tinta, papel, performance, simbolismo, modelagem, além do olhar, do sentir, do fazer, do experimentar, ou seja, trabalhar o ser integralmente, com todos os seus sentidos, possibilidades e formas de expressão em contexto de sala de aula até à educação comunitária.

Os mesmos autores defendem “a multidimensionalidade e a pluridimensionalidade da expressão, defendem uma abordagem holística, integral e global da expressão humana” (p. 20) refletindo-se, de forma positiva, nas aprendizagens escolares dos alunos.

Por fim, Feio (2011, citado por Quadrado, 2012, p. 20) menciona a importância das expressões (criatividade) na prática e vivência do aluno, pois permite “uma consciencialização, libertando-o e projetando-o para a situação e assim, conduzindo-o a descobertas e desenvolvendo o espírito de iniciativa, o sentimento de responsabilidade” através de um processo rico e potenciador de aprendizagens, criando-se, assim, “um ciclo de verdadeira educação porque o processo é de receber e dar, dar e receber.”

2.1.3. A criatividade e a escola

A criatividade é um conceito transversal e, frequentemente, utilizado nas diferentes dimensões da vida humana, sendo indissociável dos processos de pensamento, imaginação e inovação.

Esta dimensão da criatividade transporta-nos para a importância que ela deve assumir na escola e, fundamentalmente, no processo de ensino-aprendizagem. No entanto, tem-se verificado que existe alguma resistência a esta forma de encarar a educação e o ensino.

A capacidade de criar é um fenómeno natural e inconsciente comum a todas as crianças; porém, a escola convencional e os agentes educativos foram desvalorizando e aniquilando esta competência que desenvolve nas crianças a capacidade de pensar, de solucionar problemas, de contornar obstáculos, de inovar e de ter coragem de desafiar o conhecido.

Esta posição da escola face à criatividade pode constituir, efetivamente, uma barreira ao desenvolvimento de um país e do mundo a partir de visões intactas e verdades absolutas que impedem a evolução das diferentes áreas do saber.

Todavia, é notório que, durante o século XX, foram muitos os pedagogos e filósofos, nomeadamente, Maria Montessori, João de Deus, Celestin Freinet e até Rudolf Steiner, criador da Pedagogia Waldorf, que divulgaram ideias fundamentais para que a conceção de criatividade fosse evoluindo, mudando mentalidades e criando novas oportunidades. Embora alguns dos princípios destes pensadores se reflitam nas práticas pedagógicas atuais e convencionais, as escolas defensoras e transmissoras dos mesmos são, sobretudo, de índole particular mas com uma taxa de sucesso muito positiva no que respeita ao aproveitamento e também à inclusão de crianças com necessidades educativas especiais ou com uma atitude “desinteressada”.

Hoje, considerando o verdadeiro sentido de currículo, nomeadamente, a sua contextualização temporal e cultural, verifica-se que o mesmo tem sofrido alterações que lhe permite responder com sucesso às mais variadas exigências educativas.

Tendo em conta esta perspetiva de atualização curricular, Nunes (2011) afirma que a Criatividade foi surgindo nos currículos como forma de ultrapassar a inércia que assolou a sociedade e, ao mesmo tempo, promover o desenvolvimento pleno do ser humano.

Esta emergência da criatividade nos currículos e a consciencialização dos agentes educativos e da sociedade, em geral, sobre a importância desta área no desenvolvimento da ciência e da tecnologia foi determinante para que a Lei de Bases do Sistema Educativo

A música como estratégia de motivação para trabalhar as diferentes áreas curriculares

valorizasse e privilegiasse uma aprendizagem a partir da descoberta, de atividades de observação, exploração e experimentação, abandonando a ideia de um aluno passivo nas suas aprendizagens e mero recetor de informação.

No artigo 7.º, da Lei n.º 46/86 de 14 de outubro, da Lei de Bases do Sistema Educativo encontra-se explícita a determinação, do sistema educativo português, em desenvolver a criatividade nos alunos, constando que é, de acordo com a alínea a) do mesmo artigo, indispensável “assegurar uma formação geral comum a todos os portugueses que lhes garanta a descoberta e o desenvolvimento dos seus interesses e aptidões, capacidades de raciocínio, memória e espírito crítico, criatividade, sentido moral e sensibilidade estética (...)”.

Para além do documento referido, Nunes (2011) menciona que o Sistema Educativo Português delineou o “Perfil desejável do Aluno” no qual se encontram as capacidades que se pretendem ver desenvolvidas pelos alunos no final de cada ciclo, designadamente o nível de autonomia e de criatividade na realização de tarefas do seu interesse ou que sejam úteis nos trabalhos propostos, assim como no domínio dos meios de acesso ao conhecimento e, conseqüentemente, à capacidade de comunicar, de se expressar, de pensar, de imaginar e de criar.

De acordo com Nunes (2011), este documento foi determinante na forma de estar da escola, uma vez que para além de evidenciar a criatividade como um objetivo a alcançar, abandona a conceção deste conceito estar exclusivamente associado a um produto final e destaca, sobretudo, a sua potencialidade enquanto recurso.

Este e outros documentos mostram, assim, a importância da criatividade na educação e no desenvolvimento de crianças e jovens rigorosos, hétero e auto críticos e criativos e recetivos à mudança.

A consciência sobre a atitude que a escola deve assumir face à criatividade foi um passo muito importante na abertura e flexibilidade do pensamento pedagógico mostrando-se fundamental para o sucesso de muitos alunos. Contudo, a defesa de alguns princípios teóricos nem sempre se reflete na prática dos mesmos.

A questão supramencionada torna-se ainda mais grave quando, para além, da falta de incentivo, existe desconsideração pela criança criativa. Tem sido evidente que, de acordo com a escola e com o que os educadores esperam das crianças, o aluno de eleição é aquele que se

A música como estratégia de motivação para trabalhar as diferentes áreas curriculares

mostra fiel à norma da sala de aula, permanecendo atento, obediente e respeitador ao modelo padrão das diferentes áreas disciplinares.

Por outro lado, algumas especificidades comportamentais e intelectuais da criatividade, nomeadamente, o pensamento insubordinado, a ousadia, a capacidade de julgar e de contra-argumentar, a curiosidade e a diferença são vistas, pelo educador, como barreiras ao trabalho em sala de aula e estão, erradamente, associadas a alunos indisciplinados, com menor rendimento e com maiores dificuldades de aprendizagem.

Perante tamanha disparidade é notório que existe, ainda, um longo caminho a percorrer no que respeita à forma de aceitar, de explorar e de trabalhar com a criatividade do outro.

2.2. Objeto de estudo

2.2.1. A importância da música para o desenvolvimento da criança

As crianças detêm um gosto natural pela música logo desde o seu nascimento, como considera Sousa (2003) “(...) entra logo num universo sonoro (...)”. As crianças podem fazer música espontaneamente, seja em casa, na escola ou em qualquer outro lugar. Sousa (2003) defende que “(...) a música é um imperativo biológico.” (p. 120)

A criança quando está entusiasmada e contente, canta, toca nem que seja nas panelas de cozinha da mãe, movendo-se ao som da música ou simplesmente ritmo, transparecendo uma necessidade interior de divulgar esse mesmo estado de espírito e vontade. Geralmente as crianças sentem a necessidade de se expressar através da música, cantam, ouvem música, movimentam-se ao som da mesma, criam melodias e canções, e tocam instrumentos. Os sons que as rodeiam também as cativa, sejam eles sons naturais (natureza) ou artificiais (indústria, carros, etc), sons graves (fortes) ou agudos (finos), *allegros* (rápidos) ou *adagio* (lento).

Com o passar dos tempos, a ligação das escolas com a música é cada vez mais escassa, deixando de ser um fator importante para o estado de espírito das crianças e professores. As expressões de um modo geral foram, basicamente, passadas para segundo plano por uma exigência do currículo, em que o saber escrever, ler e contar passaram a ser os objetivos principais e fundamentais para o ensino. Mas segundo um estudo realizado por Raposo (2005), em que defende que a educação artística devia ser o fundamental do currículo, “(...) como uma

A música como estratégia de motivação para trabalhar as diferentes áreas curriculares

área de aprendizagem indispensável no contexto de uma escolaridade empenhada no desenvolvimento global dos alunos e de todas as suas potencialidades.” (p. 30)

Segundo o Decreto-Lei nº49/2005 de 30 de agosto, da Lei de Bases do Sistema Educativo, um dos objetivos da educação pré-escolar é “desenvolver (...) as capacidades de expressão e comunicação da criança, assim como a imaginação criativa, e estimular a atividade lúdica.”. Por sua vez, no ensino básico, os objetivos visam “proporcionar (...) o desenvolvimento físico e motor, valorizar as atividades manuais e promover a educação artística, de modo a sensibilizar para as diversas formas de expressão estética, detetando e estimulando aptidões nesses domínios.”.

É de realçar que o “governo tem consciência de que a educação artística é parte integrante e imprescindível da formação global e equilibrada da pessoa, independentemente do destino profissional que venha a ter.” Decreto-Lei nº344/90, de 2 de dezembro.

Brécia (2003, p. 81) destaca que o ensino da música é da total “responsabilidade do professor de classe – um só, polivalente -, num sistema que, para funcionar adequadamente, dependeria de investimento muito grande na formação dos educadores.” Reforça ainda que “seja do conhecimento de todos que o aprendizado de música, além de favorecer o desenvolvimento afetivo da criança, amplia a atividade cerebral, melhora o desempenho escolar dos alunos e contribui para integrar socialmente o indivíduo.”

Contudo, falando um pouco da experiência académica, as instituições de formação de professores não preparam e formam os futuros professores para a prática de expressão musical. O tempo que contempla a cadeira académica de expressão musical, que é relativamente 1º semestre, para quem não tem qualquer conhecimento a nível musical, de futuro não se vai sentir preparado para colocar em prática na sua sala de aula atividades de expressão musical. E talvez este seja um dos motivos, pelos quais os educadores e professores não aprofundem a expressão musical.

Peery (2010) refere que “os educadores de infância que desejam introduzir uma estrutura musical no seu currículo só teriam a ganhar se incluíssem algum tipo de execução musical entre os seus objetivos a alcançar” (p. 486). Infelizmente, em grande parte das escolas portuguesas, a música é apenas utilizada para cumprir o currículo e para enriquecer as épocas festivas.

A música como estratégia de motivação para trabalhar as diferentes áreas curriculares

Segundo Peery (2010) os educadores/professores são os que têm “melhor oportunidade de tirar partido das descobertas da investigação sobre as crianças e a música.” (p. 488). Assim, seria possível para estes profissionais de educação tirar partido e enriquecer as atividades, tendo a possibilidade de integrar a música nas várias áreas curriculares, sejam elas disciplinares ou não disciplinares, tornando-se uma mais-valia no processo de ensino-aprendizagem dos alunos. “(...) uma educação artística, condição essencial do pensamento e comportamento humanos, é também condição de toda educação.” (Raposo, 2005, p. 36)

A música, independentemente do estilo musical ou dos instrumentos, desperta emoções nos indivíduos até mesmo quando o bebé ainda se encontra no ventre da mãe. A mesma música pode provocar sentimentos diferentes de pessoa para pessoa, que podem permitir ao educador/professor avaliar a criança quando esta está, simplesmente, a ouvir uma melodia. As atividades musicais, planificadas de acordo com a faixa etária, podem “desenvolver capacidades físicas, intelectuais, afectivas e emocionais.” (Sousa, 2010, p.68)

A participação ativa do sujeito no ato de musicalização não mobiliza apenas os aspectos mentais conscientes que conduzem a uma apreciação objetiva da música, mas também uma gama ampla e difusa de sentimentos e tendências pessoais. Por esse motivo a música é, para as pessoas, além de objeto sonoro, concreto, específico e autónomo, também aquilo que simboliza, representa ou evoca. Gainza (1988, p. 34)

As experiências ao serem vivenciadas pelas crianças, são determinantes e fundamentais para o seu desenvolvimento. A expressão musical deve despertar o sentido de ritmo e de melodia na criança, sendo que a primeira exploração rítmica é através do corpo, quando a criança movimenta o corpo ao ritmo da música. A “experiência rítmico-tonal em desenvolvimento, a necessária notação musical é ensinada, mas modificada para símbolos significativos que a criança já domina.” (Bréscia, 2003, p. 95)

2.2.2. A Importância do uso da Expressão para a Promoção da Aprendizagem

Segundo Vygostky (1991, citado por Ladeira, 2012, p. 29) “não obstante as grandes expressões criativas terem sido produzidas por um escasso número de pessoas, a criatividade é uma característica essencial da existência humana”, a criança revela-se consoante o que ela cria seja em pintura, desenho ou outra forma de expressão construindo a sua própria linguagem, manifestando, desta forma tudo aquilo que sabe e sente sobre o mundo que a envolve.

A música como estratégia de motivação para trabalhar as diferentes áreas curriculares

Castro (2008) afirma que

a criança educa-se com base num processo que faz dela um elemento activo e renovador. A expressão é um processo que abarca as suas próprias vivências. Pela acção, a criança constrói o pensamento; pelos movimentos que realiza, aprende a situar-se no espaço e a aperceber-se do tempo; pelo gesto, expressa emoções e comunica com os outros. (p.16)

As expressões passam, essencialmente, por intermédio dos nossos sentidos, sendo fundamental estimular a sensibilidade dos mesmos nas crianças desde muito cedo de modo a apoiá-las para um futuro melhor.

Ladeira (2012) refere ainda que “as Expressões Artísticas são, de uma forma sintetizada, uma forma de arte, uma forma de se expressar utilizando uma área artística, quer seja a plástica, dramática, música, etc.”. Portanto, não são de maneira alguma, inúteis no processo de ensino-aprendizagem das crianças, mas fundamentais para a “consolidação de aprendizagens concretas e específicas”. (p. 30)

A criança tem uma necessidade inata de se expressar e de comunicar, incumbindo o professor de lhe dar essas oportunidades através da dança, do teatro, da música, da pintura, entre outras expressões. Logo, a expressão plástica faz com que a criança se encontre a si própria e a motive no seu sentido estético. A expressão dramática, segundo Pierre Leenhardt (1997, citado por Ladeira, 2012, p. 32), “é essencialmente a capacidade de exprimir a realidade representando-a, dando-a a conhecer, tendo a particularidade de serem seres humanos que encarnam de um modo sensível e vivo outros seres humanos cuja existência é apenas imaginária”. A expressão musical explora, fundamentalmente, sons e ritmos que a criança pode gerar e observar instintivamente.

Segundo Castro (2008),

a expressão é um processo que abarca as suas próprias vivências. Pela acção, a criança constrói o pensamento; pelos movimentos que realiza, aprende a situar-se no espaço e a aperceber-se do tempo; pelo gesto, expressa emoções e comunica com os outros. (p.16)

Assim, e conforme Jung (1920, citado por Ladeira, 2012, p. 35) “arte é a expressão mais pura que há para a demonstração do inconsciente de cada um. É a liberdade de expressão, é sensibilidade, criatividade, é vida.”, uma vez que um dos objetivos das expressões é expandir a

A música como estratégia de motivação para trabalhar as diferentes áreas curriculares

qualidade do indivíduo, promover a criatividade e imaginação, assim como, a sua integração e socialização no meio onde está inserido.

2.2.3. Musicoterapia

A música como uso terapêutico tem vindo a ser aplicada desde o início da história humana, uma vez que o som e a música acompanham o homem desde as primeiras perceções intrauterinas até à sua morte. Os primeiros registos da sua prática podem ser encontrados nas obras de filósofos gregos pré-socráticos. Contudo, só após a Segunda Guerra Mundial, iniciaram efetivamente a sua utilização científica da música como terapia, que deu origem à Musicoterapia.

O primeiro curso universitário de Musicoterapia foi na Michigan State University em 1944, com o objetivo de ser aplicado na área da medicina. Foi reconhecida como uma carreira de prestígio anos mais tarde. Hoje em dia, está implantada em mais de 40 países. Devido ao grande impulso que teve na medicina, nos Estados Unidos da América, fundaram a “National Society for Musical Therapeutics”, sendo a Dr^a Eva Augusta Vescelius a pioneira da sua fundação. Em Portugal, existe a “Associação Portuguesa de Musicoterapia” que foi fundada em Janeiro de 1996.

A música é a terapia mais utilizada inconscientemente pelo indivíduo, seja por motivos de alegria ou até mesmo de tristeza. Vincula-se na experiência vivida, passado ou presente, fazendo parte do nosso processo dinâmico, tendo significados sociais e individuais, criados e recriados nas ações vividas e experienciadas.

A musicoterapia é aplicada por um músico terapeuta que utiliza a música e os seus elementos constituintes, como o ritmo, melodia e harmonia, num processo sistematizado que ajude e promova a comunicação, o relacionamento, a aprendizagem, a mobilização, a expressão e organização de processos psíquicos de uma ou mais pessoas. É a junção de um leque de metodologias técnicas e música, som e ritmo, sendo elementos que desencadeiam efeitos relaxantes ou excitantes sobre a mente.

O seu processo desenvolve-se de acordo diversos métodos, sendo que, na maioria dos casos a musicoterapia é ativa com o próprio paciente, em que o próprio paciente toca nos instrumentos musicais, canta, dança e realiza atividades em conjunto com o terapeuta ou com o grupo da terapia.

A música como estratégia de motivação para trabalhar as diferentes áreas curriculares

As sessões realizadas com os pacientes são gravadas e executam-se improvisações ou composições sobre os temas apresentados pelo paciente. Alguns profissionais desta terapia procuram interpretar musicalmente a música produzida durante a sessão, enquanto, outros preferem métodos que utilizam apenas a improvisação sem a necessidade de interpretação.

Segundo Bell (1997), a música tem a capacidade de atuar e ativar os neurónios que atuam no relaxamento pulsação, tensão muscular e na evocação de recordações antigas.

Peery (2010) defende a teoria que o hemisfério cerebral direito é superior ao esquerdo, nomeadamente, no que diz respeito à consciência espacial e compreensão de relações complexas e às interpretações de impressões auditivas (discriminação de vozes, na entoação e em experiências musicais).

No que diz respeito aos efeitos psicológicos, a música atua sobre o sistema nervoso de um indivíduo, tendo a capacidade de produzir efeitos relaxantes, deprimentes, de alegria, de tristeza, entre outros. Facilitando, assim, o processo de aprendizagem uma vez que ativa uma grande quantidade de neurónios.

Nos efeitos sociais, a música é uma ponte de socialização, em que ajuda a criar expressão e coesão entre grupos.

Relativamente aos efeitos espirituais, a música é utilizada na liturgia de todas as religiões, porque pode provocar sentimentos sobrenaturais e espirituais que ajudam o indivíduo a ser superior ao medo ou a encontrar um sentido para a sua vida, através do contacto com a divindade.

2.2.4. Método de leitura – Método Fonomímico de Jean Qui Rit

O Método Fonomímico surgiu nos finais do século XIX com o intuito de ajudar, principalmente, as crianças disléxicas na leitura e na escrita, em que a identificação do som e da letra era acompanhado por um gesto. A Portugal chegou apenas, na década de 70.

Marie-Brigitte Lemaire, em 1950, enriqueceu o método desenvolvendo o seu próprio elemento gestual e rítmico para a aprendizagem da leitura e escrita. A este método chamou-o de *Moyens Educatifs Jean Qui Rit* (Meios educativos do João que ri). O método foi desenvolvido mas “O que é novo é o esforço para tornar agradável o aprendizado através dos gestos correspondentes aos diferentes sons da língua” Bellenger, (1979, p.74)

A música como estratégia de motivação para trabalhar as diferentes áreas curriculares

A cada letra está relacionado um gesto (abordagem gestual) e um som representativo (abordagem fonética). Assim, a criança centra a sua atenção no som associando-o à letra representativa do mesmo. A aprendizagem, da leitura e da escrita através deste método, passava pela grafia da letra, do som e do gesto que a representava.

Segundo Lemaire (2015) os gestos são importantes porque,

desde a sua conceção o bebé vive, cresce, desenvolve e mexe. Quando nasce, vai-se manifestar pelo movimento e durante anos, a sua construção ainda não está terminada. Ele vai-se construir, sabem como? Multiplicando os seus gestos! Ele descobre e, em seguida, repete-os ao longo dos anos, até estarem apurados. (...) Desde o seu nascimento, as mães embalam cantando para adormecer ou acalmar os seus bebés. Elas fazem instintivamente o gesto, o ritmo e o canto: os três valores de Jean Qui Rit.

O tipo de caligrafia utilizada são as letras de imprensa em maiúsculas, porque foi neste tipo de letra que se basearam para criar os gestos, “as crianças bem-aventuradas nestas repetições gravam nas suas memórias as principais. (...) as crianças trabalham o seu corpo, utilizam a motricidade tão presente na sua idade jovem.” Lemaire (2015)

Este método ensina às crianças as vogais e as consoantes, atribuindo-lhes diferentes cores. Ou seja, é atribuído a cor azul para as consoantes e vermelho para as vogais. As primeiras letras a aprender, através deste método, são as consoantes que facilmente possam ser prolongadas (m, j, v, s, etc.), para que possibilite à criança ter mais tempo para associar o som à palavra e ao gesto. As letras b, d e q, d devem ser ensinadas separadamente, uma vez que a sua e grafia são muito semelhantes.

Pretende-se que a atenção da criança seja centrada na escrita, no grafismo e na sua compreensão, possibilitando à criança desenhar nas dimensões e no espaço que se sente mais confortável, seja com o dedo ou com a mão. Após a criança conseguir reproduzir, de modo muito semelhante, os grafismos, acrescentam-se detalhes à escrita como os acentos, pontuação, entre outros.

O ponto de partida do método passa por um minuto de silêncio para acalmar as crianças e até mesmo o professor. De seguida é apresentada/exposta uma imagem onde exemplifica o gesto e tem a letra representada.



Figura 1 - Exemplo da letra "i"

Quando os alunos já identificarem com facilidade as letras, começam a trabalhar as sílabas representando com os respetivos gestos, fazendo o movimento da esquerda para a direita, no mesmo sentido como representam a letra/palavra graficamente. Nesta fase é importante explicar às crianças algumas exceções na leitura de determinadas letras em posições concretas da palavra.

O método de Jean Qui Rit utiliza, também, pequenas histórias ou canções relacionadas com a época, meio ou espaço em que se encontra. Estas histórias ou canções contém uma imagem representativa que se torna a palavra-chave, em que ao associar um gesto ao fonema, trabalha-se as memórias auditivas e visuais e a motora.

A história é contada, podendo utilizar o nome de alunos presentes na sala, para cativar ainda mais a sua atenção e interesse. Ao contar a história recorre-se ao gesto e ao seu som, como por exemplo: “A Isabel começou a fazer cocegas à sua irmã mais nova, a Isa, que quando se ria “i” “i” “i” (riso) punha o dedo no canto da boca.”

Depois de a turma conseguir efetuar com sucesso o gesto ao acompanhar a história, associam a letra de imprensa e/ou manuscrita ao gesto. Primeiro escrevem a letra no ar, de seguida no tampo da mesa, no quadro individualmente e por fim no caderno. Estes gestos de

A música como estratégia de motivação para trabalhar as diferentes áreas curriculares

representação da letra devem ser feitos, preferencialmente, com a mão direita, com a mão esquerda e com as duas mãos.

Em suma, segundo Amaro (2010), este método é contemplado por quatro princípios (pp. 44-45):

- Formação do gosto e do ritmo. Investimento, através do canto e do gesto, na psicomotricidade, para a maturação do campo sensorial, do domínio do movimento e da harmonização do gesto;
- Fonomímica. Na aprendizagem da leitura, o gesto é utilizado até à aquisição da letra e depois, gradualmente, abandonado;
- Ditado. As crianças ouvem a palavra ditada, fazem os gestos correspondentes às letras que formam e escrevem-na;
- Escrita. O gesto, o ritmo e o canto são chamados a contribuir para a aprendizagem da forma e da inter-relação entre letras de uma sílaba.

O método apela aos sentidos combatendo, assim, algumas dificuldades de aprendizagem na leitura e na escrita. Através da visão o aluno pode observar os gestos e as imagens; com a audição, ouve o som e reproduz; gesto em que se assume como mais um recurso a que o aluno tem acesso para associar do fonema ao grafema); o ritmo para que consiga coordenar com os gestos e o som; e o canto que articula com todos os sentidos anteriores.

“ Esta pedagogia usa quase todos os sentidos da criança e permite que ela seja o ator das suas habilidades básicas, é adequado para todas as crianças de todo o mundo.” Lemaire (2015)

De acordo com Ramalho (2011) os exercícios de mímica, canto e ritmo beneficiam a formação do esquema corporal na criança, auxiliando-a na compreensão de pormenores específicos da leitura e da escrita (lateralidade).

O canto acalma a criança, desenvolvendo a sua “capacidade de emitir e receber todos os sons da cadeia fónica com precisão, claramente diferenciados, relacionados e temporalmente ordenados”. O gesto, o ritmo e o canto despertam o interesse e a atenção da criança e de todo o grupo. Os mais traquinas e desatentos acalmam-se e os mais tímidos têm vontade e interesse em participar, ou seja, ao trabalhar este método, provoca um equilíbrio emocional.

2.3. Métodos e procedimentos

A relação entre a teoria e a prática construída ao longo de todo o percurso académico, nomeadamente, durante o mestrado, teve como objetivo principal, o de dar respostas aos desafios com que nos deparámos no contexto onde nos encontramos inseridas.

Segundo Pascal & Bertram (1999),

os educadores de infância também se tornam investigadores, participantes dos seus próprios contextos educativos. Isto dá-lhes credibilidade e contribui para eliminar as barreiras que existem entre a investigação e a prática. p.7

A metodologia utilizada foi a investigação-ação. Esta metodologia visa dar respostas a problemas resultantes de circunstâncias sociais, baseando-se na pesquisa, na análise e reflexão dos dados recolhidos e na experimentação.

De acordo com Máximo-Esteves (2008, p.18), “podemos definir a investigação-ação como o estudo de uma situação social no sentido de melhorar a qualidade da acção que nela decorre.” A ação decorre em contexto como recurso à investigação, identificando a importância de conhecer o ambiente e as ações que se ambicionam mudar com a investigação, tendo em vista o desenvolvimento pessoal e profissional.

De modo a guiar o estudo empírico, revelou-se adequado ter em consideração questões de orientação, bem como, objetivos que se pretendem alcançar. As questões de orientação permitem “focar os tópicos e antever um conjunto de decisões relativamente aos caminhos a percorrer”. Máximo-Esteves (2008, p.80)

Definiram-se, deste modo, as seguintes questões orientadoras:

- Porque se explora a expressão musical no pré-escolar e no 1º Ciclo do Ensino Básico?
- Que tipo de atividades podem ser desenvolvidas pelos profissionais de educação, em que a sua formação inicial é globalizante e não específica?
- Com que frequência estes profissionais desenvolvem atividades de expressão musical?

A música como estratégia de motivação para trabalhar as diferentes áreas curriculares

Através destas questões, e partindo do princípio que é importante que a expressão musical seja desenvolvida em contexto pré-escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico, pretende-se alcançar os seguintes objetivos:

- Enquadrar teoricamente e transversalmente a expressão musical nos contextos acima referidos.

- Compreender os motivos que levam a estes profissionais a não implementarem as atividades de expressão musical.

- Aplicar a expressão musical transversalmente.

Para efeitos de recolha de dados, foi adotada uma metodologia baseada no trabalho ativo, interativo e cooperativo, utilizando como instrumentos a análise documental de registos relacionados com o tema, inquérito por questionário a um público em geral, abrangendo principalmente educadores e professores; e observação direta e participativa.

Segundo Afonso (2005) “num quadro de investigação naturalista os instrumentos de recolha de dados mais frequentemente utilizados são a pesquisa arquivística, a observação, a entrevista e o inquérito por questionário” (p.88).

De acordo com a teoria de Bogdan & Biklen (1994), uma investigação qualitativa está centrada na compreensão dos problemas, com o objetivo de perceber o que causa determinados comportamentos, convicções ou atitudes. Os mesmos autores defendem, ainda que, este tipo de investigação ocorra é necessário recorrer a diversas técnicas, tais como: técnicas de observação centradas na perspetiva do investigador, uma vez que presencia o estudo; técnicas de conversação centradas na perspetiva dos participantes, enquadrando-se em ambientes de diálogo e de interação; por fim, a análise de documentos em que o investigador faz uma pesquisa relacionada com o tema constituindo, assim, uma rica fonte de informação.

Com a análise documental pretendo dar resposta à questão inicial deste trabalho e a algumas dúvidas que possam surgir ao longo da investigação. “O documento é um termo geral que designa uma impressão deixada num objeto físico por um ser humano” (Bell, 1997, p.91), neste sentido, pretendo recorrer e envolver documentos variados, desde a fotografia a registos escritos.

A música como estratégia de motivação para trabalhar as diferentes áreas curriculares

O questionário é um instrumento de investigação é muito importante na pesquisa científica, nomeadamente, na área das ciências de educação, em que a recolha de dados baseia-se em conseguir informações. Um dos principais objetivos deste instrumento investigativo é o de estudar as variáveis complexas e relativamente subjetivas em pequenas amostras.

A estrutura do questionário tem um conjunto de questões que vão ao encontro do objeto em estudo, tendo em conta o público-alvo. O mesmo foi construído no decorrer de ambos os estágios, de acordo com os dilemas que foram surgindo e com o que se procura comprovar. Como por exemplo, se todas as educadoras/professoras pensavam do mesmo modo quanto à transversalidade da disciplina de expressão musical; Se todas as educadoras/professoras concordavam e davam grande importância ao desenvolvimento da disciplina de expressão musical mas, na verdade raramente a colocavam em prática.

A sua estrutura foi construída com a ajuda das cooperantes de ambos os estágios, aplicando um pré-teste a um pequeno grupo de docentes da mesma instituição. Foi ainda supervisionada por uma professora doutorada da licenciatura, com experiência na área e grande aplicabilidade do mesmo nas suas investigações.

Esta técnica de recolha de dados permite atingir um grande número de pessoas, garantindo o anonimato, não sendo obrigatório responder ou responder de imediato e não têm qualquer influência do questionador.

A observação direta e participativa irá permitir-me que vivenciar e experienciar diretamente o estudo em causa. A observação direta é um dos métodos mais utilizados na investigação qualitativa, em que Quivy e Campenhoudt (1992) consideram “os únicos métodos de investigação social que captam os comportamentos no momento em que eles se produzem, sem a mediação de um documento ou de um testemunho.” (p. 197) Para além disso,

(...) observar cada criança e o grupo para conhecer as suas capacidades, interesses e dificuldades, recolher as informações sobre o contexto familiar e o meio em que as crianças vivem, são práticas necessárias para compreender melhor as características das crianças e adequar o processo educativo às suas necessidades. ME (1997, p.25)

2.4. Apresentação, análise e discussão de resultado/avaliação do projeto

2.4.1. Atividades realizadas durante o estágio

Um professor tem o dever de estimular a criatividade nos alunos e ter conhecimento da importância do processo criativo. Para que tal aconteça, deve estar informado acerca das novas metodologias de ensino, mantendo uma visão construtiva dos saberes para que consiga intervir e formar os seus alunos, criando novos pensamentos e despertando-os para a criatividade. Estes estímulos têm grande importância no desenvolvimento cognitivo e emocional da criança, pois contribuem para as suas aprendizagens.

É também importante que o professor consiga criar ou levar os alunos a estabelecer confiança com o Outro, seja ele, ou não, da sua sala ou meio escolar. Com a confiança estabelecida, os alunos são levados a trocar ideias, tornam-se mais autónomos na seleção de soluções e dilemas fazendo com que fiquem, mutuamente, detentores de mais conhecimento, contribuindo, assim, para o processo de criatividade. Desta forma, o professor deve dar ao aluno a oportunidade de explorar, de manipular, de perguntar, de testar e de mudar ideias, para que este desenvolva a sua criatividade.

Craft (2004, p. 24) afirma que a sua preocupação é a criatividade no contexto educativo, em que devem ser criadas novas estratégias pedagógicas como o incentivo à criatividade do próprio professor, como forma de estimular a criatividade do aluno.

Para Morris (2006, p. 3) o ensino pode ser definido pela prática de ensinar criativamente, uma vez que os docentes procuram utilizar estratégias ricas em imaginação que tornem a aprendizagem mais apelativa. Ensinar para a criatividade com o objetivo de desenvolver o pensamento criativo dos alunos, requer a utilização de estratégias/recursos diversificadas. Ambas as definições fomentam grandes motivações, expectativas, capacidade de comunicar e escutar, de incentivar, de envolver e inspirar.

As atividades de expressão musical desenvolvidas ao longo dos estágios¹ foram realizadas tendo em consideração o tema a ser trabalho, como também, interligava as atividades desenvolvidas pelas cooperantes. É necessário referir que as atividades desenvolvidas, facilmente são exequíveis por educadores e professores, não sendo necessário ter grandes conhecimentos musicais.

¹ Apêndice I e II

A música como estratégia de motivação para trabalhar as diferentes áreas curriculares

As atividades desenvolvidas permitem não só reconhecer, conhecer e dominar os sons, como também permitem reproduzir padrões rítmicos utilizando a voz e/ou o corpo. Mesmo quando a única regra é dançar ao ritmo da música, em que estas podem ter géneros e ritmos diversificados, permite dar às crianças a oportunidade de conhecer novas músicas, com as quais, possivelmente, não contactam no dia-a-dia. Apesar deste tipo de atividades serem menos orientadas, possibilita às crianças desenvolver o sentido rítmico e a coordenação motora.

A utilização de materiais recicláveis é, também, uma forma de mostrar às crianças o que se pode fazer com materiais que aparentemente já não têm utilidade e, em alguns casos, não são recicláveis. É possível pegar nestes materiais, sem qualquer custo e transformá-los em outros materiais com outros fins que não aqueles para que foram desenhados.

A utilização de grafismos não convencionais para representar o som musical, facilmente são adaptáveis ao português para trabalhar a divisão silábica e à matemática, quanto à subtração, soma, divisão e até mesmo a multiplicação. Como defende França (2010, p. 13) “formas alternativas de escrita convocam a imaginação e ampliam as possibilidades de criação musical”.

O ano de 2009 designou-se como “Ano Europeu da Criatividade e Inovação” devido ao reforço da capacidade de criar, de inovar e de promover a criatividade, tendo como motor de inovação e fator principal o desenvolvimento das competências pessoais e socioprofissionais.

Através do brincar espontâneo, as crianças conseguem transmitir as suas ansiedades, vontades e visão do mundo que as rodeia. A observação da criança enquanto esta brinca, permite ao professor conhecê-la melhor e determinar o tipo de estratégias que possam ser pertinentes para a sua aprendizagem.

Contudo, além dos estímulos que contribuem para o seu desenvolvimento, existem também fatores que influenciam a aprendizagem e o desenvolvimento dos alunos.

Adams (1986, p. 12) descreve quatro fatores negativos que influenciam o desenvolvimento infantil, constantemente presentes nas instituições educacionais, a saber: os emocionais, em que os sentimentos manipulam o pensamento; os culturais e os ambientais, em que as ideias de um indivíduo não são aceites pela sociedade; o intelecto e de expressão, que impedem a capacidade de idealizar e expor de forma clara os seus ideais; a perceção, que dificulta a compreensão e a resolução de problemas.

A música como estratégia de motivação para trabalhar as diferentes áreas curriculares

Atitudes de plena criatividade podem ser bloqueadas pelas “fronteiras imaginárias”, como intitula Adams, os indivíduos não conseguem dar continuidade à sua criatividade devido a uma ilusão de incapacidade de criação. Quando se é detentor de uma vasta informação também se inibe o processo criativo, conseguindo, apenas, executar aquilo que já conhece, não dando largas à imaginação.

2.4.2. Inquérito por questionário

Cada sujeito tem a sua maneira de pensar, características específicas de personalidade, bem como, valores e incentivos que influenciam positivamente a criatividade. No entanto, como já foi referido, existem fatores que inibem a criatividade ou que a bloqueiam, sendo o fator de ordem sociocultural o mais predominante.

O inquérito por questionário tem como objetivo principal conhecer os constrangimentos por parte de educadores e professores, relativamente à implementação de atividades relacionadas com a música, bem como, as opiniões quanto à expressão musical em contextos de Pré-escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico.

Sousa (2003, p. 20) defende que as pessoas, nomeadamente educadores e professores, devem deixar de pensar que “o conceito de que a música diz apenas respeito aos músicos e professores de música, para a considerar como ferramenta educacional, usada por educadores e professores (mesmo sem «saber música» e sem «jeito para a música»)”.

O inquérito por questionário foi respondido por um total de 148 inquiridos, em que as suas idades variavam entre os 25 e 55 ou mais anos, sendo que a maioria com idades compreendidas entre os 35 a 44 anos (ver gráfico 1). As habilitações dos mesmos variavam entre o ensino secundário e mestrado (ver gráfico 2), sendo importante salientar que, 92,4% dos inquiridos responderam que tiveram expressão musical na sua formação inicial durante a sua formação académica (ver gráfico 3). É também importante referir que, dos 148 inquiridos, 62,1% têm formação complementar (ver gráfico 4), ou seja, há uma preocupação de estar atualizados e/ou de alargarem e enriquecerem os seus conhecimentos.

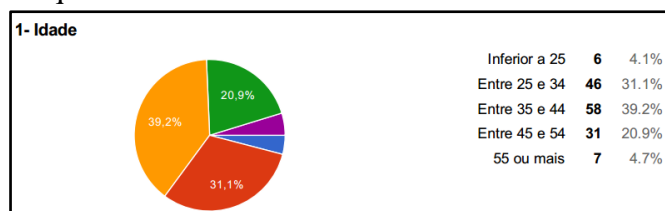


Gráfico 1 - Idade dos inquiridos

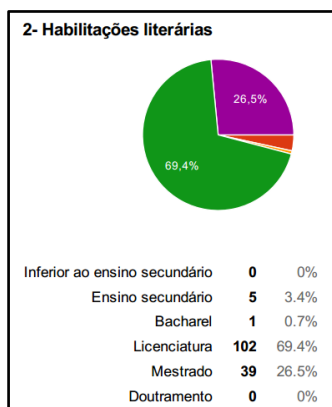


Gráfico 2 - Habilitações literárias dos inquiridos



Gráfico 3 - N° de inquiridos que tiveram expressão musical na sua formação inicial

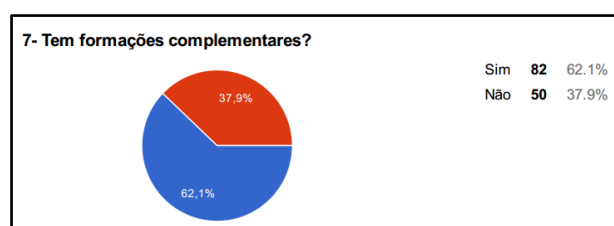


Gráfico 4 - Inquiridos que têm formações complementares

Destes docentes inquiridos, 99,3% considera ser importante fomentar a disciplina de expressão musical no Pré-escolar e no 1º Ciclo do Ensino Básico (ver gráfico 5). Relativamente ao desenvolvimento das atividades de expressão musical em sala de aula, 76% dos inquiridos referem que o fazem, em que 92% dizem proporcionar ao grupo diferentes estilos musicais (ver gráficos 6 e 7). A exploração rítmica, o canto e audição musical são das atividades principais que dizem ser desenvolvidas, segue-se a dança e outro tipo de atividades (ver gráfico 8).

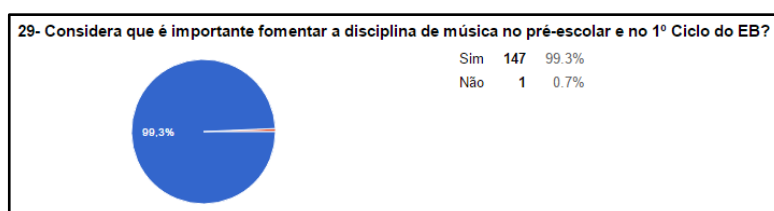


Gráfico 5 - A importância de fomentar a de expressão musical no Pré-escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico

A música como estratégia de motivação para trabalhar as diferentes áreas curriculares

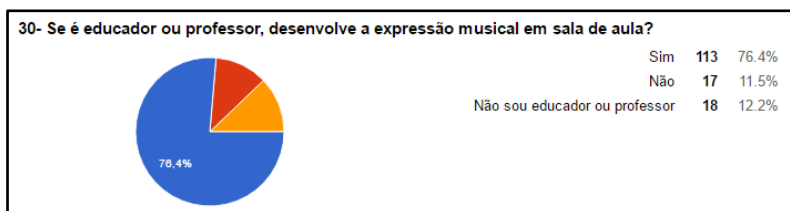


Gráfico 6 - Inquiridos que desenvolvem atividades de expressão musical

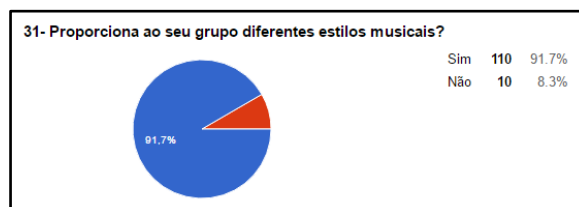


Gráfico 7 - Inquiridos que proporcionam ao grupo diferentes estilos musicais

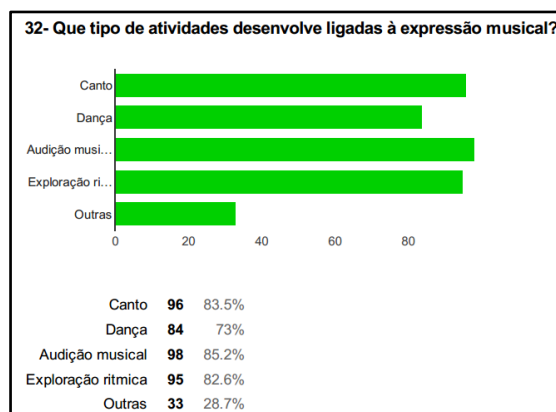


Gráfico 8 - Tipo de atividades desenvolvidas, ligadas à expressão musical

Os inquiridos que desenvolvem a expressão musical em sala, 50,9% dos mesmos desenvolve-a de forma transversal ao plano curricular, 40,4% desenvolve-a de modo transversal às outras expressões, sendo que, 8,8% dos educadores e professores fazem-no de apenas de forma independente (ver gráfico 9). “A relação entre a música e a palavra é uma forma de expressão musical. Cantar é uma actividade habitual na educação pré-escolar, que pode ser enriquecida pela produção de diferentes formas de ritmo”. (M.E., 1997, p.65)

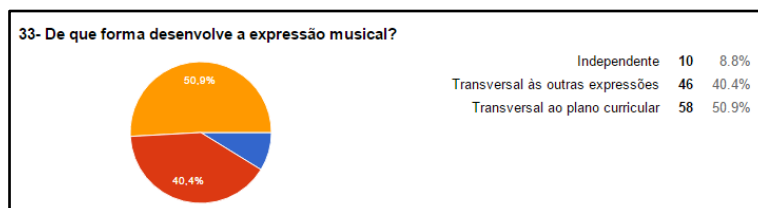


Gráfico 9 - O modo como a expressão musical é desenvolvida pelos inquiridos

A música como estratégia de motivação para trabalhar as diferentes áreas curriculares

A transversalidade e a articulação da expressão musical com outras áreas e domínios, como já foi referido, é de extrema importância para a aquisição de competências.

(...) articular as actividades apresentadas com o trabalho a ser desenvolvido na sala e na escola, em termos mais abrangentes (...) podem ser o ponto de partida para aprendizagens linguísticas, lógico-matemáticas, e outras ou, quando for o caso, serem pontos de desenvolvimento de actividades iniciadas a partir de outras áreas”. (M.E., 2010, p. 12)

Através das respostas dos inquiridos podemos concluir que, os docentes reconhecem a importância da expressão musical com e entre áreas de conteúdo, colocando em prática atividades que têm em consideração esta mesma articulação. Wuytack e Palheiros (1995, p. 10), apresentam exemplos de atividades musicais integradas

Musicar uma história; cantar uma história através dos sons; seleccionar músicas para um jogo dramático; improvisar movimentos a partir de músicas; realizar danças e canções com música e movimentos; criar peças musicais a partir de estímulos visuais; desenhar, pintar, modelar ou realizar outras formas de expressão plástica, reagindo a músicas”

Relativamente à pergunta com que tipo de aulas as crianças são confrontadas, 61,5% respondeu que considera serem as aulas expositivas (ver gráfico 10).

Segundo Marcheti (2001, citado por Leal e Júnior, 2006, p. 97),

na aula expositiva, como o próprio nome diz, o foco está na exposição, feita por pessoas que tenham um conhecimento satisfatório sobre o assunto, e por isso, pode ocorrer o negligenciamento da importância do interesse e da atenção do aluno.



Gráfico 10 - Tipo de atividades com que as crianças são confrontadas

Contudo, 75% considera que as aulas práticas têm mais importância para as crianças (ver gráfico 11). Hofstein & Lunetta (1982, citado por Lima e Garcia, 2011, p. 202) destacam que as aulas práticas no ensino têm as funções de despertar e manter o interesse dos alunos, envolver

A música como estratégia de motivação para trabalhar as diferentes áreas curriculares

os estudantes (...) desenvolver habilidades e capacidade de resolver problemas e compreender conceitos básicos.

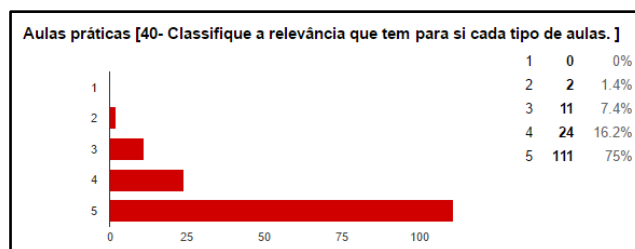


Gráfico 11 - A relevância das aulas práticas para os inquiridos

Segundo Talbot (1993 citado por Alencar, 2003, p. 68) “para que o indivíduo expresse a sua criatividade é necessário que ele possua o motivo, os meios e a oportunidade.”

De acordo com Graças (2008) e os inquiridos que defendem a 100% (ver gráfico 12) que é imprescindível a utilização de material didático para o bom desenvolvimento das aulas, proporcionando, assim, uma dinâmica ativa da prática pedagógica e facilitando a compreensão dos conteúdos.

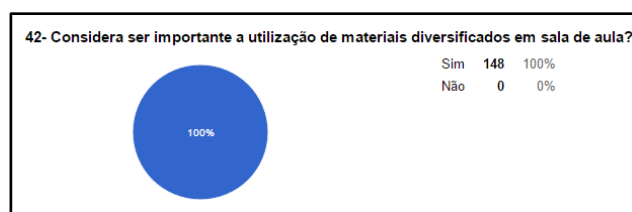


Gráfico 12 - A importância da utilização de materiais diversificados em sala de aula

É importante criar estratégias que proporcionem a expressão criativa nos docentes. Como referem Alencar e Martínez (1998, citado por Alencar, 2003, p. 68) “o desenvolvimento da criatividade na educação passa necessariamente pelo nível de criatividade dos profissionais que nele atuam. Conhecer as barreiras que enfrentam constitui uma condição necessária para superá-las”.

Aulas criativas fariam com que os alunos tirassem maior aproveitamento das aulas e 91,9% dos inquiridos concorda com isso mesmo (ver gráfico 13).

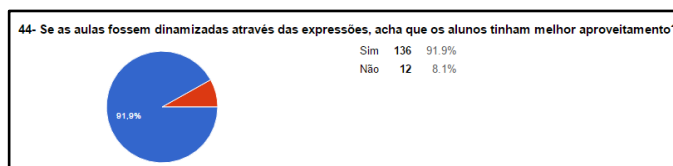


Gráfico 13 - Opinião quanto ao aproveitamento dos alunos se as aulas fossem dinamizadas através das expressões

A música como estratégia de motivação para trabalhar as diferentes áreas curriculares

Coloca-se, então, a questão: Porque é que não o fazem? Tal como é possível concluir com o inquérito, os educadores e professores dizem defender, dar importância e implementar aulas diversificadas através das expressões. Ou seja, temos o ensino perfeito! Mas na realidade, e pude constatar no decorrer dos estágios realizados ao longo de todo o meu percurso académico que, os educadores e professores não colocam em prática as expressões de modo a dinamizarem as suas aulas e não concordam com a implementação das mesmas de uma forma transversal. Para eles são atividades que requerem tempo, muito trabalho e paciência.

De acordo com Alves (2001, citado por Cordazzo & Vieira, 2007, p.100) o “professor bom não é aquele que dá aula perfeita, explicando a matéria. Professor bom é aquele que transforma a matéria em brinquedo e seduz o aluno a brincar”.

Em síntese é possível considerar que, os principais constrangimentos quanto à implementação das atividades de expressão musical são as limitações de cada um e a falta de vontade, bem como as preferências por áreas em que cada um tem mais à vontade em desenvolver. Contudo, consideram a expressão musical uma área importante para o desenvolvimento global das crianças mesmo que esta não esteja a ser desenvolvida como deveria.

Considerações finais

Após a conclusão deste relatório, e depois de muito refletir, é possível verificar que a prática profissional requer uma diversificação de recursos e de estratégias a utilizar dada a grande variedade de alunos, de estilos e de ritmos de aprendizagem nas escolas e, portanto, uma adaptação do currículo, tendo em consideração essa diversidade. Pois, numa turma, os alunos não aprendem todos da mesma maneira e o professor não pode generalizar a metodologia de ensino ou o tipo de atividades.

Cabe, então, ao professor, em parceria com a escola, decidir sobre a melhor forma de organizar o seu funcionamento de maneira a promover respostas pedagógicas adequadas às necessidades de aprendizagem de todos os alunos. Esta prática tem implicações a seu encargo, incluindo o papel decisor, organizador e gestor do currículo, onde o professor pode adaptar e gerir de uma forma mais flexível, adequando-o às necessidades do grupo de alunos e, assim, proporcionar uma melhor escolarização a todos. Com um currículo consistente e eficaz, a ação do professor tornar-se-á efetiva, de qualidade e uniforme. Contudo, a realidade é mais complicada, pois, os professores, por vezes, revelam dificuldades na gestão curricular, nas práticas que desenvolvem e que consideram ser necessárias à aprendizagem, assim como a insegurança, timidez, falta de tempo e de conhecimentos, entre outros, essenciais para atuar de forma adequada.

Atualmente os jardins-de-infância, as escolas, as instituições públicas e privadas, o próprio mercado de trabalho, assim como os pais ou encarregados de educação esperam muito de um professor. Estes, são detentores de diplomas que certificam a sua formação profissional específica e para a qual se encontram habilitados, sendo responsáveis pela organização de atividades educativas com o objetivo de promover, incentivar e estimular o desenvolvimento físico, psíquico, emocional e social dos discentes. No entanto, é-lhes exigido mais para além das suas competências técnicas, comportamentais e pedagógicas, é necessário que seja um “ser” inspirador, motivador e mobilizador, capaz de romper com alguns padrões ou protótipos tradicionais.

É, portanto, de extrema importância que o professor se encontre em constante atualização e renovação de conhecimentos e de aprendizagens, investindo em formações para adquirir novas competências e vingar na profissão, pois este será o elemento que criará a ponte

A música como estratégia de motivação para trabalhar as diferentes áreas curriculares

de ligação ao conhecimento, desenvolvendo os novos saberes e aprendizagens, em simultâneo com as necessidades dos seus alunos.

O professor deve ser pró-ativo, empreendedor, comunicativo, orientador, criativo, dinâmico, assertivo, espontâneo (no sentido de ter a capacidade de improvisar), imparcial, conhecedor da realidade atual. O processo de aprendizagem é visto como um processo dinâmico, pessoal e interativo de aquisição de conhecimentos e ao professor não basta ensinar e transmitir conhecimentos, é necessário ser um facilitador da aprendizagem, um estimulador à criação de novos comportamentos e atitudes, um profissional que exerça influência nos seus discentes.

Sir Ken Robinson, afirma que “school kills creativity”, pois a escola ensina as crianças a perderem o interesse pela criatividade. Depois do visionamento da conferência onde Robinson participou e das várias leituras e pesquisas necessárias à elaboração deste trabalho, confirma-se que o ser humano nasce com grande potencial de criatividade mas que ao longo da vida essa capacidade de inovar vai se perdendo, pois o espaço ocupado por essa competência dá lugar a outras aptidões, não naturais mas que são impostas.

Na nossa opinião, como futuras educadoras/professoras, é importante a construção de práticas criativas para que as crianças possam explorar novos conteúdos e questões, educando-as para que possam tirar partido de toda a sua criatividade. A criança deve expressar a sua criatividade de acordo com a sua vontade, pois é necessário deixar a criança desenvolver o seu lado criativo, seja através da música, da pintura, do desenho, da dança ou do teatro. Estamos de acordo com Freire (1981, p.79), quando este afirma que “ninguém educa ninguém, como tão pouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo”. A educação é um processo de constante interação em que damos e recebemos.

Num educador/professor, a criatividade expressa-se no processo de interação, pela forma como faz as suas abordagens, através da utilização de técnicas e de estratégias criativas para captar a atenção dos alunos e, por sua vez, facilitar a sua aprendizagem e consolidação de conhecimentos. Este processo de ensino-aprendizagem torna possível a interdisciplinaridade, uma vez que permite estabelecer relações entre as várias áreas do conhecimento, do quotidiano e da realidade onde os alunos estão inseridos.

A música como estratégia de motivação para trabalhar as diferentes áreas curriculares

O importante não é saber música, ler uma pauta ou tocar um instrumento, o importante é aprender através da música usando-a como para desenvolver as capacidades biológicas, afetivas, cognitivas, sociais e motoras. Segundo Sousa (2003, p. 21),

Os jogos musicais e corporais das crianças, espontâneos e simultâneos têm a sua razão biopsicológica. Quando ela canta, grita, ri, bate palmas, com os pés, corre, salta e dança, efectua estas atividades porque disso tem necessidades. Há uma força motivacional que a impele para tal.

Portanto, julgamos ser necessário a promoção à prática criativa, fazendo com que as crianças se interessem pela sua criatividade e deixá-las explorar a sua capacidade de inovar ao máximo, tendo em conta as suas necessidades e interesses. De acordo com Maria do Céu Roldão (2000) “ensinar significa fazer aprender” algo em alguém e é desta forma que pretendo explorar cada bocadinho de arte, inovação e originalidade que a criança torne visível, de maneira a proporcionar o seu desenvolvimento e crescimento pessoal criativo, agradável e harmonioso.

Referências Bibliográficas

- Adams, J.L. (1986). *Conceptual blockbusting* (3ª ed.). New York: Addison-Wesley;
- Afonso, N. (2005) *Investigação Naturalista em Educação. Um Guia Prático e Crítico*. Porto: Edições Asa;
- Albinati, M. E. C. B. (2008). *Recursos musicais aplicáveis à saúde e à educação da criança e do adolescente. Contribuições da musicoterapia à clínica pediátrica*. Faculdade de medicina, Minas Gerais;
- Alencar, E. M. L. S., Fleith, D. S. (2003). *Barreiras à Criatividade Pessoal entre Professores de Distintos Níveis de Ensino*. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 16 (1). (pp. 63-69);
- A. Amaro (2010). *Dos textos de recepção infantil ao desenvolvimento das competências no 1º Ciclo do Ensino Básico*. Dissertação de mestrado de 2º Ciclo em Estudos Didáticos, Culturais, Linguísticos e Literários. Beira Interior: Universidade da Beira Interior;
- Amaral, A., Martins, A., Pereira, S. (2008), *Musica 2*, Livro do professor, Educação artística, 1ºciclo do ensino básico, Porto Editora;
- Azevedo, S. (2011). *O Papel da Creche na Adaptação da Criança ao Contexto do Jardim-de-infância*. Dissertação de Mestrado/não publicada. Escola Superior de Educação. Instituto Politécnico de Castelo Branco;
- Bellenger, L. (1979). *Os métodos de leitura*. Rio de Janeiro: Zahar Editores;
- Bell, J. (1997). *Como realizar um projeto de investigação – Um guia para a pesquisa em Ciências Sociais e da Educação*. Lisboa: Editora Gradiva;
- Bertram, T., Pascal, C. (2009). *Manual DQP – Desenvolvendo a Qualidade em Parcerias*. Ministério da Educação. Direção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular;
- Bettelheim, B. (1975). *Psicanálise dos Contos de Fadas*. Lisboa: Bertrand Editora;
- Bogdan, R., Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação: Uma Introdução à Teoria e aos Métodos*. Porto: Porto Editora;
- Bréscia, V. (2003). *Educação Musical: bases psicológicas e ação preventiva*. Campinas, SP: Editora Átomo; São Paulo: Edições PNA;
- Castera, M. R. M. (2004). *Introdução à Linguagem Matemática*. In T. L. Arribas, *Educação infantil: desenvolvimento, currículo e organização escolar* (5ª ed.) (pp.281-314). Artmed Editora;

A música como estratégia de motivação para trabalhar as diferentes áreas curriculares

- Castro, L. A. R. (2008). *O Contributo das Expressões (Plástica e Dramática) no Desenvolvimento Cognitivo das Crianças*. Pós-Graduação – Pré-Projeto para Mestrado. Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti, Porto, Portugal;
- Castro, L. e Ricardo, M. (2003). *Gerir o trabalho de projecto: guia para a flexibilização e revisão curriculares*. Lisboa: Texto Editora;
- Cordazzo, S. T. D., Vieira M. L. (2007). *A Brincadeira e suas Implicações nos Processos de Aprendizagem e de Desenvolvimento*. Estudos e Pesquisas em Psicologia, UERJ, RJ, v. 7, n.º 1. (p. 92-104);
- Craft, A. (2004). A universalização da criatividade. In *Criatividade e educação*. Cadernos de criatividade, Nº 5. Associação Educativa para o Desenvolvimento da Criatividade. Lisboa;
- Delors, J. (coord.) (1996). *Educação um tesouro a descobrir – Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o séc. xxi*. Porto, Asa, col. Perspectivas actuais – educação, 7ª edição;
- Dewey, J. (1959). *Vida e Educação*. S. Paulo: Melhoramentos;
- DGIDC, (2001). *Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências Essenciais*. Lisboa: Ministério da Educação, Departamento de Educação Básica;
- DGIDC, (2006). *Ensino da Música – 1º Ciclo do Ensino Básico*, Orientações programáticas. Lisboa: Ministério da Educação, Departamento de Educação Básica;
- Ferreira, M.C.I. (2012) *A importância da Música no desenvolvimento global das crianças com Necessidades Educativas Especiais: perspetiva dos Professores do 1º Ciclo e de Educação Especial*. Escola Superior de Educação João de Deus, Lisboa;
- Formosinho, J., Katz, L., McClellan, D., Lino, D. (2007). *Educação Pré-Escolar – A Construção Social da Moralidade*. Lisboa: Texto Editores, LDA;
- Formosinho, J., Spodek, B., Brown, P., Niza, S. (1998). *Modelos Curriculares para a Educação de Infância*, 2ª edição. Porto: Porto Editora;
- França, C., (2010). *Sopa de Letrinhas: Notações Analógicas (Des)Construindo a Forma Musical*. Música na Educação Básica, Porto Alegre, Vol. 2, nº 2, setembro, pp- 8 21;
- Freire, P. (1981). *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra;
- Freire, P. (1999). *Pedagogia da Autonomia*. Saberes Necessários à Prática Educativa. São Paulo: Paz e Terra;
- Gainza, V. (1988). *Estudos de psicopedagogia musical* (3ª edição). São Paulo: Summus Editorial;

A música como estratégia de motivação para trabalhar as diferentes áreas curriculares

- Katz, L., Chard, S. (1997). *A abordagem de projecto na educação de infância*. Lisboa;
- Ladeira, S. A. M. (2012). *A Percepção dos Educadores de Infância e dos Professores do 1.º Ciclo sobre a Importância das Expressões Artísticas em Crianças Autistas no Contexto da Sociabilidade*. Dissertação de Mestrado, Escola Superior de Educação João de Deus, Lisboa, Portugal;
- Leal, D. T. B., Júnior, E. B. C. *O uso da aula expositiva no ensino da contabilidade: estudo empírico com os dados do Exame Nacional de Cursos*. Contab. Vista & Ver., v.17, n.3, p.91-113;
- Lima, B. F. (2011). *Consciência fonológica e aprendizagem da leitura e da escrita*. Monografia de licenciatura em Terapia da Fala. Porto: Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade Fernando Pessoa;
- Lima, D. B., Garcia, R. N. (2011). *Uma investigação sobre a importância das aulas práticas de Biologia no Ensino Médio*. Cadernos do Aplicação, Porto Alegre, v. 24, nº 1, jan./jun.;
- Lopes, J. A. (coord.) (2006). *Desenvolvimento de Competências Linguísticas em Jardim-de-Infância*. Edições ASA;
- Loureiro, C. M. V., (2006). *Musicoterapia na Educação Musical Especial de Portadores de Atraso do Desenvolvimento Leve e Moderado na Rede Regular de Ensino*. Universidade Federal de Minas Gerais;
- Machado, M. V. A. (2009/2010). *A musicoterapia como promotora da atenção na PHDA*. Escola Superior de Educação Paula Frassinetti, Porto;
- Magalhães, G. (2007). *Modelo de Colaboração Jardim de Infância/Família*. Lisboa: Horizontes Pedagógicos;
- Marchão, A. (2012). *No jardim-de-infância e na escola do 1.º ciclo do Ensino Básico – Gerir o currículo e criar oportunidades para construir o pensamento crítico*. Lisboa: Edições Colibri;
- Martí, J. M., Guerra, J. C. (dir.) (1996). Capítulo 25 – *Ambientes Educativos*. In Programa de Formação de Educadores (PFE) – Psicologia Infantil e Juvenil – Educação (vol.4). Lisboa: Liarte;
- Martins, I. P., Veiga, M. L., Teixeira, F., Tenreiro-Vieira, C., Vieira, R. M., Rodrigues, A. V., et al. (2009). *Despertar para a Ciência - Actividades dos 3 aos 6 anos*. Lisboa: Ministério da Educação, Direcção Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular;

A música como estratégia de motivação para trabalhar as diferentes áreas curriculares

- Maura, M. A. O. (2004). *Organização e Estratégias Educativas*. In T. L. Arribas, Educação infantil: desenvolvimento, currículo e organização escolar (5ª ed.) (pp. 339-352). Artmed Editora;
- Máximo-Esteves, L. (2008). *Visão Panorâmica da Investigação-Ação*. Porto: Porto Editora;
- Ministério da Educação (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério de Educação/Departamento de Educação Básica;
- Ministério da Educação (2010). *As artes no jardim de infância. Textos de apoio a educadores de infância*. Lisboa: Ministério de Educação – Direção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular;
- Morris, W. (2006). Creativity: It's place in education. Consultado a 12 de abril de 2015. Retirado de http://www.jpbc.com/creative/Creativity_in_Education.pdf;
- Musitu, G. (2003). *A Bidirecionalidade das Relações Família-Escola*, in AlvesPinto, C. e Teixeira, M. (org.) Pais e Escola parceria para o sucesso. Porto, ISET pp.141- 174;
- Niza, S. (1998). *O Modelo Curricular de Educação Pré-escolar da Escola Moderna Portuguesa*. Modelos Curriculares para a Educação de Infância. 2ª edição. Porto Editora. Porto. Pp.139 – 156;
- Niza, S., (2013). O Modelo Curricular de educação Pré-Escolar de Escola Moderna Portuguesa. *Modelos Curriculares para a Educação de Infância – Construindo uma práxis de participação*. Coleção Infância, 4ª edição, pp.141 - 159. Porto Editora;
- Nunes, E. L. S. N. M. (2011). *A Criatividade na Escola: As Atitudes dos Alunos Face às Metodologias dos Professores*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa, Faculdade de Ciências, Lisboa, Portugal;
- Oliveira-Formosinho, J., Araújo, S.B. (2008). *Escutar as vozes das crianças como meio de (re)construção de conhecimento acerca da infância: algumas implicações metodológicas*. In J. Oliveira-Formosinho (Org.), A Escola vista pelas crianças (pp.11-30). Porto: Porto Editora;
- Oliveira-Formosinho, Júlia, Lino, Dalila, Niza, Sérgio, (2007). *Modelos curriculares para a educação de infância: construindo uma práxis de participação*. 3ª edição, Porto, Porto Editora;
- Pascal, C., Bertram, T. (1999). *Desenvolvendo a Qualidade em Parcerias: nove estudos de caso*. Porto: Porto Editora;

A música como estratégia de motivação para trabalhar as diferentes áreas curriculares

- Peery, J. (2010). A Música na Educação de Infância. In B. Spodek. *Manual de Investigação em Educação de Infância* (2ª edição). (pp.461-502). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian;
- Pessoa, A. M. (s.d.). Reflexão e Ação. *Movimento da Escola Moderna Portuguesa: Síntese de uma História*, p. 48/53;
- Portugal, G. (1992). *Ecologia e Desenvolvimento Humano em Bronfenbrenner*. Aveiro: CIDIne;
- Puig, S., Alzina, B. (2004). *Metodología de la investigación educativa*. Madrid: Editorial La Muralla, SA.;
- Quadrado, A. C. G., (2012). *Prática de Ensino Supervisionada Arte e Design (8º Ano). Educação Expressiva – As Artes Visuais para além de Si*. Tese de Mestrado, Universidade da Beira Interior, Covilhã, Portugal;
- Quivy, R., Campenhoudt, L. (1992). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa : Editora Gradiva;
- Ramalho, H. (2011). *Ensinar a ler, no 1º ciclo do ensino básico*. Dissertação de mestrado na área de especialização de supervisão pedagógica em ensino do português. Minho: Universidade do Minho, Instituto de Educação;
- Raposo, M (2005). A Construção da pessoa: Educação artística e competências transversais. *Revista de Educação*, XIII: 29-50;
- Rice, F. P., (1998). *Desenvolvimento Humano*. 3ª ed. New Jersey: Prentice Hall;
- Roldão, M. C. (2000). *Os desafios da profissionalidade e o currículo*. 1ª Edição. Aveiro: Universidade de Aveiro;
- Santeiro, T. V., Santeiro, F. R. M., Andrade, I. R. (2004). *Professor Facilitador e Inibidor da Criatividade segundo Universitários*. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 9, n. 1. (p. 95-102);
- Santos, I. B., Miguel, R. C. B. P., Guimarães, S. R. R. E Almeida, S. F., Ribeiro, Z. A. N (s/d). Musicoterapia como proposta de ferramenta pedagógica: uso e aplicação da música no suporte às dificuldades de aprendizagem;
- Silva, I. et al. (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar*. Lisboa: Ministério da Educação, Departamento da Educação Básica, Gabinete para a Expansão e Desenvolvimento da Educação Pré-Escolar;
- Silva, P. (2009). *Crianças e comunidades como actores sociais: uma reflexão sociológica no âmbito da interação entre escolas e famílias*. In T. Sarmiento, F. I. Ferreira, P. Silva,

- & R. Madeira. (2009). *Infância, Família e Comunidade. As crianças como actores sociais.* (pp. 17-42). Porto: Porto Editora;
- Silva, S.R.A. (2011). *Conceção de itinerário de turismo religioso para a cidade de Valongo.* Relatório de projeto, Universidade de Aveiro: Aveiro;
 - Sousa, A. (2003a). *Educação pela Arte e Artes na Educação (1º volume).* Coleção Horizontes Pedagógicos. Lisboa: Instituto Piaget;
 - Sousa, A. (2003b). *Educação pela Arte e Artes na Educação (2º volume).* Coleção Horizontes Pedagógicos. Lisboa: Instituto Piaget;
 - Sousa, A. (2003c). *Educação pela Arte e Artes na Educação (3º volume).* Coleção Horizontes Pedagógicos. Lisboa: Instituto Piaget;
 - Taylor, L. S., Brickman, N. A. (1991). *Aprendizagem Activa – Ideias para o apoio às primeiras aprendizagens.* Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian;
 - Teixeira, J. M. E Queirós, C. (1987). Contributo psicológico para um modelo teórico da musicoterapia. *Revista de Psicologia e de Ciências de Educação.* (pp. 59-64);
 - Vasconcelos, T. (1997). *Ao Redor da Mesa Grande – A Prática educativa de Ana.* Porto: Porto Editora;
 - Vasconcelos, T. (1998). *Das perplexidades em torno de um hamster ao processo de pesquisa. Pedagogia de projecto na educação pré-escolar em Portugal.* In L. Katz, J. B. Ruivo, M. I. R. L. Silva, & T. Vasconcelos, *Qualidade e projecto na educação pré-escolar* (pp.123-158). Lisboa: Ministério de Educação/Departamento da Educação Básica;
 - Vasconcelos, T. (2007). A Importância da Educação na Construção da Cidadania. *Saber (e) Educar,* Porto, nº12, pp. 109-117;
 - Vasconcelos, T. (coord.), Rocha, C., Loureiro, C., Castro, J., Menau, J., Sousa, O., Hortas, M. J., Ramos, M., Ferreira, N., Melo, N., Rodrigues, P. F., Mil-Homens, N., Fernandes, S. R., & Alves, S. (2012). *Trabalho por projetos na educação de infância: mapear aprendizagens, integrar metodologias.* Lisboa: Ministério da Educação e Ciência/Direção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular;
 - Volpi, S. (2006). *Razões e sensibilidade: Caminhos para a formação do professor musicoterapeuta.* Pontifícia Universidade Católica do Paraná;
 - Wazlawick, P., Camargo, D. E Maheirie, K. (2007). *Significados e sentidos da música: uma breve “composição” a partir da psicologia histórico-cultural.*

Legislação

- Circular n.º: 4 de 11 de abril. Avaliação da Educação Pré-Escolar. Ministério da Educação;
- Circular n.º. 17/2007 DSDC/DEPEB;
- Decreto-Lei n.º 344/90, de 2 de Dezembro. *Diário da República*, n.º 253, 1.ª Série;
- Decreto-lei n.º240/2001, Perfis Específicos de Desempenho Profissional do Educador de Infância e do Professor do 1º ciclo do Ensino Básico e Secundário;
- Decreto-lei n.º241/2001, Perfis Específicos de Desempenho Profissional do Educador de Infância e do Professor do 1º ciclo do Ensino Básico;
- Despacho conjunto n.º 258/97, de agosto;
- Despacho conjunto n.º 268/97, de 25 de agosto;
- Lei de Bases do Sistema Educativo: Lei n.º 46/86, de 14 de Outubro. *Diário da República*, n.º 237, 1.ª Série;
- Lei de Bases do Sistema Educativo: Lei n.º 49/2005, de 30 de Agosto. *Diário da República*, n.º 166, 1.ª Série;
- Lei n.º 46/86 de 14 de outubro, da Lei de Bases do Sistema Educativo;
- Lei-Quadro da Educação Pré-escolar - Lei N.º. 5/77, de 10 de fevereiro;
- Lei-quadro n.º5/97. *Diário da República*, 1ª serie, n.º 34 de 10 de fevereiro de 1997.

Webgrafia

- Agrupamento de Escolas de Marquesa de Alorna de Almeirim <http://www.ae-almeirim.pt/sitio/>;
- Entrevista a Marie-Brigitte Lemaire retirada de <https://jeanquirit.wordpress.com/2015/03/17/a-la-rencontre-de-marie-brigitte-lemaire/> consultado a 10 de outubro de 2015;

A música como estratégia de motivação para trabalhar as diferentes áreas curriculares

- Frase de Miguel de Unamuno y Judo retirada de <http://www.citador.pt/frases/entre-as-gracas-que-devemos-a-bondade-de-deus-um-miguel-de-unamuno-y-jugo-2016> consultada a 3 de agosto de 2016;
- Graças, M. (2008). *Importância do material didático na prática pedagógica do professor*. Retirado de <http://www.uniblog.com.br/educacaoeamor/329891/%3C!--%MembrosLink%--%3E> consultado a 10 de outubro de 2016;
- Imagens do Método Fonomímico de Jean Qui Rit retiradas de <http://jeanquirit.no.sapo.pt/> consultadas a 2 a 18 de outubro;
- Informação sobre Almeirim retirada de <http://www.cm-almeirim.pt/images/repositorio/2011/cartaeducativadealmeirimparte1.pdf> consultado a 15 de abril de 2016;
- Informação sobre musicoterapia retirada de <http://homeobiocura.blogspot.pt/2012/12/musicoterapia.html>, consultado a 17 de março de 2015;
- Informação sobre o Centro Escolar os Charcos retirada de <http://www.ae-almeirim.pt/sitio/index.php/escola-agrupamento/1-ciclo/eb-charcos> consultado a 15 de abril de 2016;
- S/A. (s/d). Movimento da Escola Moderna. *Modelo Pedagógico*. Retirado de <http://movimentoescolamoderna.pt/> consultado a 15 de março de 2016;
- Unicef (1990). *A convenção dos direitos das crianças*. Retirado de http://www.cnpcjr.pt/preview_documentos.asp?r=5194&m=PDF consultado a 20 de abril de 2016;
- Vídeo “School kills creativity” de Sir Ken Robinson. Retirado de <https://www.youtube.com/watch?v=Z1yl0MFYzXc> consultado a 13 de agosto de 2016;
- Zenhas, A. (2006). O Movimento da Escola Moderna. *Educare.pt*. Retirado de <http://www.educare.pt/educare/Opinioao.Artigo.aspx?contentid=103762311B7E3A1FE0440003BA2C8E70&channelid=0&schemaid=&opsel=2> consultado a 15 de março de 2016.

A música como estratégia de motivação para trabalhar as diferentes áreas curriculares

Apêndice A – Planificações e atividades desenvolvidas em contexto pré-escolar relacionadas com o Domínio da Expressão Musical

A música como estratégia de motivação para trabalhar as diferentes áreas curriculares

**Apêndice B – Planificações e atividades desenvolvidas em contexto 1º Ciclo
do EB relacionadas com a Expressão Musical**

A música como estratégia de motivação para trabalhar as diferentes áreas curriculares

Apêndice C – Questionário colocado on-line “Expressão musical no Pré-escolar e no 1º Ciclo do Ensino Básico”

A música como estratégia de motivação para trabalhar as diferentes áreas curriculares

Anexo A – Gráficos de resultado ao questionário on-line “Expressão musical no Pré-escolar e no 1º Ciclo do Ensino Básico”